



BIBLIOTECA JUNGUIANA
DE PSICOLOGIA FEMININA

A DEUSA TRÍPLICE

Em Busca do
Feminino Arquetípico

ADAM MCLEAN

Cultrix

A DEUSA TRÍPLICE

BIBLIOTECA JUNGUIANA
DE PSICOLOGIA FEMININA

Adam McLean

A DEUSA TRÍPLICE

Em busca do Feminino Arquetípico

Tradução

Adail Ubirajara Sobral



**Editora
Cultrix**
SÃO PAULO

Título do original: *The Triple Goddess – An Exploration of the Archetypal Feminine*.

Copyright © 1989 Adam McLean.

Copyright da edição brasileira © 1992, 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

2ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Capa: Lucas Campos / Indie 6 Design Editorial

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McLean, Adam

A Deusa tríplice: em busca do feminino arquetípico / Adam McLean; tradução Adail Ubirajara Sobral. – 2. ed. – São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

Título original: *The Triple Goddess – An Exploration of the Archetypal Feminine*.
ISBN 978-85-316-1578-8

1. Arquétipo (Psicologia) 2. Deusas 3. Feminilidade 4. Mitologia – Aspectos psicológicos
I. Título.

20-35117

CDD-291.2114

Índices para catálogo sistemático:

1. Deusas femininas: Religião 291.2114
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

1ª edição digital 2020
eISBN: 9788531615764

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br

Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[A Deusa Tríplice nos Mitos Gregos da Criação](#)

[As Filhas da Noite](#)

[As Erínias ou Fúrias](#)

[As Moiras ou As Filhas do Destino](#)

[As Hespérides](#)

[As Filhas das Divindades do Mar: as Fórcidas](#)

[As Górgonas](#)

[As GrEias](#)

[As Sereias](#)

[As Harpias](#)

[As Filhas do Deus-Céu](#)

[As Horas](#)

[As Cárites Ou Graças](#)

[As Musas](#)

[Deméter e Perséfone](#)

[Hécate](#)

[Hera](#)

[O Julgamento de Páris](#)

[Exemplos Adicionais de Deusas Tríplices de Várias Tradições](#)

[Sugestões e Elementos para Pesquisas Adicionais](#)

[Conclusão](#)

INTRODUÇÃO

A deusa é um arquétipo eterno da psique humana, embora a desprezemos e reprimamos ou neguemos exteriormente a sua existência. Desde os primórdios da nossa civilização, ela se revela a nós em desenhos rupestres e em esculturas primitivas, nas grandes mitologias, manifestando-se na nossa cultura atual sob os mais diversos disfarces. Ela faz parte do tecido do nosso ser, com o qual toda a humanidade tem de se relacionar interiormente se desejarmos ter em nossas almas um equilíbrio de base. Ela é parte tão essencial da humanidade que, mesmo se, nos próximos séculos, nos tornarmos filhos do Cosmos, deixando a Terra para trás em sua viagem para as estrelas, sem dúvida a encontraremos nas escuras profundezas do espaço.



Vênus de Willendorf: figura de deusa paleolítica

Nos tempos antigos, projetamo-la no exterior a partir do nosso íntimo, vimo-la nos Reinos da Natureza, no corpo da Terra ou agindo por trás do destino humano. Vivenciamo-la como um poder além e acima de nós – poder que nos transformou e desafiou, ao mesmo tempo que nos alimentou, protegeu e preservou.

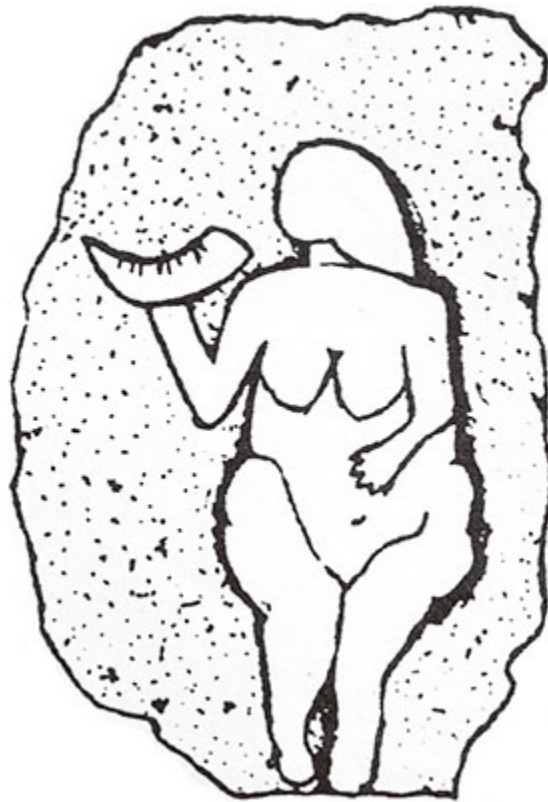


Deusa romana do Destino

Ao longo deste século, chegamos a reconhecer uma estrutura ou estratificação da consciência humana, tendo agora condições de ver que a deusa habita, como um arquétipo, em nosso espaço interior, sendo tão essencial para nós quanto o é o coração físico. Não obstante, é tal o seu exílio nos recessos profundos e ocultos da nossa alma que muitas vezes não reconhecemos a sua ação sutil e somente quando ela se manifesta no exterior de maneira potente e destrutiva nós nos damos conta da sua presença.

Os últimos 2.500 anos testemunharam a ascensão de poderosas divindades masculinas que dominaram a alma e, não contentes com a metade do Cosmos e da alma humana, usurparam o lugar da deusa no esquema das coisas e tentaram destruir-lhe as manifestações exteriores. Daí por diante, ela se envolveu na substância da nossa alma interior e agiu a partir de dentro. As religiões patriarcais triunfaram exteriormente, impondo à humanidade a sua vontade. Esse período patriarcal, que vemos hoje estar

prestes a se encerrar, viu o desenvolvimento de várias capacidades da alma humana: o domínio do mundo físico por meio do imperialismo; a evolução de uma tradição científica materialista vinculada com uma cultura tecnológica; a exploração e desperdício dos limitados recursos da Terra; e a organização da agressão na sociedade por intermédio das guerras nacionalistas. Todos podem identificar o legado desse período de patriarcado polarizado.



Vênus de Laussel

Mas a deusa permaneceu conosco. Enquanto formos humanos, não podemos separar-nos de fato dela. Ela veio agindo de maneira sutil por todo o longo período de sua repressão, por vezes vindo à superfície na história exterior nas épocas em que vimos seus atributos projetados em personalidades ou movimentos da sociedade. Seria fascinante e instrutivo um estudo que revelasse os seus muitos aparecimentos e o impacto de suas energias na história exterior dos últimos milênios. Sob muitos aspectos,

nossa tradição patriarcal acentuou o desenvolvimento da consciência via sentido masculino da apreensão e do domínio de forças no mundo e na sociedade humana. Quando deparamos na história com um desenvolvimento particular que não pode ser compreendido nesses termos, cumpre reconhecer que um novo fator surge no solo interior da alma humana, de que a deusa foi banida. Desse modo, ela ainda age no interior da humanidade, embora possamos não ter consciência da fonte dessas energias transformadoras.

Nos últimos anos, especialmente a partir da metade do século, a humanidade começou a ligar-se outra vez, de modo consciente, com o lado feminino da psique. Às apalpadelas, a deusa começa a surgir de novo. Podemos vê-la na preocupação com o ser e com a integridade da Terra, sob a denominação de “Ecologia”; na rejeição da agressividade patriarcal por um movimento pacifista emergente; no desenvolvimento de facetas “protetoras” da nossa sociedade, tais como a assistência social e os serviços educacionais e de saúde; bem como na recente emergência da comunidade *gay* das sombras e das margens da sociedade, trazendo consigo um novo sentido do caráter integral da sexualidade individual e de sua orientação mais feminina. O movimento de mulheres, tanto em seus aspectos de desenvolvimento político como de desenvolvimento pessoal, também evidencia uma emergente consciência do feminino. Nesses e em tantos outros fenômenos, podemos reconhecer o surgimento de um novo relacionamento da humanidade com o feminino, com a deusa que está no âmago do nosso ser.



Deusa Celta das Serpentes (britânica)

Num momento como esse, é importante entender as qualidades e energias da deusa. Para conhecer seus possíveis modos de manifestação em nosso íntimo e no corpo coletivo da humanidade, temos de lançar um olhar às tradições passadas da deusa e à sua representação nas mitologias antigas; talvez isso nos dê melhores condições de perceber o seu aparecimento na nossa época. Com efeito, não é possível voltar aos velhos modos de proceder e recapturar o passado, mas podemos aprender alguma coisa acerca das nossas atuais realidades interiores com esses padrões antigos.

As mitologias antigas, parcialmente derivadas das religiões de mistério e das tradições de iniciação, projetaram a estrutura interior da psique no mundo exterior; os deuses e as deusas foram representados como forças do reino exterior da Natureza. Um dos mais importantes desenvolvimentos do século XX foi a revelação de uma “psicologia” que reconhece as energias formadoras dessas representações mitológicas e percebe que, mediante a contemplação das mitologias antigas, podemos, com toda a certeza, ver o

tecido da nossa própria alma. Podemos, por outro lado, assimilar a substância desses mitos e ver com clareza os padrões da nossa própria natureza interior.

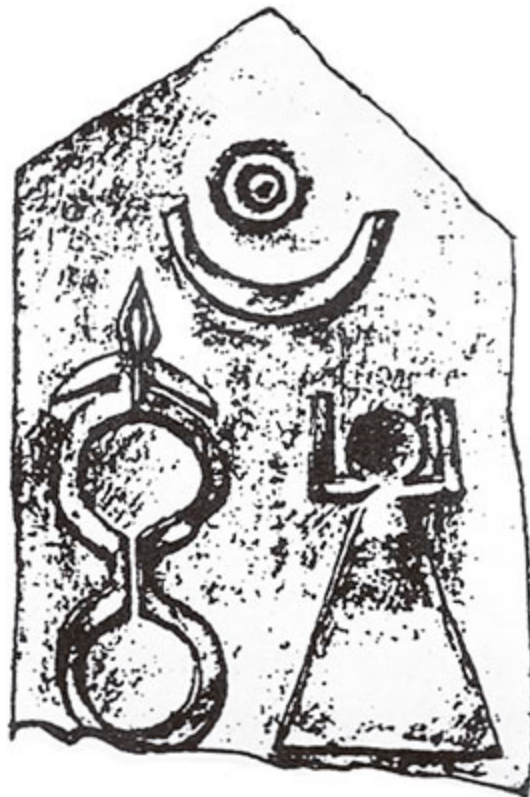
Por conseguinte, a tarefa deste livro é esboçar algumas manifestações da deusa na mitologia, com o propósito de oferecer uma maior compreensão do seu atual impacto na nossa alma e da sua relevância para ela. A mitologia não deve ser estudada de maneira demasiado abstrata para que não nos afastemos nem nos apartemos da sua substância; devemos, em vez disso, mergulhar na sua corrente, contemplar os seus símbolos, meditar sobre as suas profundezas e deixá-la irromper nos nossos sonhos e na nossa imaginação criadora.

A deusa é tríplice, manifestando-se, pois, sob três aspectos, visto unir em si os complementos e os opostos da psique. Assim sendo, ela é tanto delicada como rigorosa e implacável. É plena de luz e de visões famosas, mas, ao mesmo tempo, pode nos levar para as trevas e para terríveis horrores.

Com efeito, essas polaridades são parte essencial da arquitetura da alma humana. O mais importante a perceber é a natureza complementar dessas polaridades, o fato de cada polo se confundir com o outro e voltar a se distinguir dele. As polaridades dependem umas das outras; de suas relações e dos seus encontros vem a energia dinâmica da psique, o mercúrio interior da substância anímica que se move constantemente de um polo para o outro – e que, em seu eterno movimento, descobre e explora criativamente. Sem essa polaridade, nossa vida interior murcharia, seria uma mera flor seca, num reino fossilizado.

O impulso preponderante do patriarcado, que começou sua ascendência há uns 2 mil ou 3 mil anos com a negação do feminino, não podia preservar uma mitologia que unisse essas polaridades preferindo, em vez disso, negar um dos polos. Foi essa a causa da terrível doença do dualismo, em que a tradição patriarcal identificava um polo como “bom” e o outro como “ruim”. Isso produziu um sentido de “justiça” absoluta importante para civilizações patriarcais fundadas no poder militar e no imperialismo. Uma

civilização dessa espécie sempre pode projetar a imagem do “mal” na raça ou povo que deseja conquistar, enquanto se vangloria de sua própria retidão, certa de que o seu “Deus” está do seu lado. Esses impulsos de modo algum foram erradicados do nosso mundo atual; por exemplo, o dualismo Leste-Oeste, Capitalismo-Comunismo ainda fornece combustível a um conflito e a uma competição absurdos entre nações e povos.



Estela de Astarte em Túnis

Em termos mitológicos, a estrutura patriarcal só podia incorporar o seu oposto dual na forma de divindades rivais. Nesse dualismo ingênuo, havia uma hierarquia de deuses “bons” plenos de luz e bem-intencionados com relação à humanidade, e uma hierarquia invertida de deuses “maus” do mundo inferior, sempre conspirando contra a humanidade e tentando destruir tudo o que a religião ou a sociedade patriarcal particular representavam. Logo, durante o conflito entre muçulmanos e cristãos, cada

parte via a outra como incrédulos infiéis; do mesmo modo, tanto o cristianismo como o islamismo perseguiram os judeus ao longo da história.



Deusa das Serpentes cretense

É evidente que uma mitologia masculina não pode integrar as polaridades do dualismo; e se continuássemos a trabalhar, enquanto sociedade, com esses arquétipos, estaríamos condenando a nós mesmos e aos nossos descendentes a dar prosseguimento à luta e ao conflito interpessoal e internacional. No nível pessoal, também estaríamos negando uma oportunidade de integrarmos os opostos na psique, impedindo a liberação correspondente dos enormes recursos de energia humana criativa aprisionada em nosso interior por causa desse dualismo.

O feminino, contudo, é capaz de unir os opostos. Sua imagem cósmica é a Lua, com sua fase sombria de Lua Nova, sua fase luminosa de Lua Cheia e seus crescentes e minguantes intermediários. Ela não é constante; em vez disso, move-se num ciclo, penetrando nas trevas e, mais tarde, trazendo a

luz. Os deuses masculinos, identificados com a luz do Sol, não poderiam passar por um tal ciclo; suas mitologias eram forçadas a ser dualistas – os “bons” deuses celestes e os “maus” deuses do sombrio “mundo inferior”. A deusa tríplice, por outro lado, traz em – si todas as polaridades. Encontramo-la numa variedade de disfarces, e, como é mutável, ela desafia o nosso pensamento unidimensional com contradições e aparentes inconsistências. Ela muda de forma a cada volta do seu ciclo e o nosso pensamento, para compreendê-la, tem de se ajustar à mudança.

Quando nos relacionamos com a nossa faceta deusa tríplice, teremos uma perturbação inicial causada pela sua mutabilidade. Séculos de pensamento abstrato, unidimensional, rígido e patriarcal lutam contra ela, rejeitando o seu impulso por considerá-lo “caótico” e causador de anarquia interior. Mas, ao mudarmos interiormente e ao adaptarmos os padrões da nossa alma às suas energias formadoras, nós a veremos com maior clareza. Poderemos então valorizar uma consciência da mudança cíclica do nosso interior. Tendo chegado a uma relação interior com o Feminino, podemos iniciar o processo de unir as facetas masculina e feminina da nossa alma. Essa união, o verdadeiro Casamento Místico, a real Conjunção dos Opostos, é a mais estimulante e valiosa aventura que qualquer ser humano pode empreender. A partir dessa Conjunção, dessa integração e encontro íntimos, poderá surgir uma poderosa corrente de energia criativa que poucos experimentaram. Se a humanidade pudesse dedicar-se coletivamente a essa viagem, uma grande energia criativa seria liberada – e poderíamos tornar-nos verdadeiros recipientes das energias espirituais do futuro.

Para encontrar a deusa tríplice na mitologia, temos de voltar ao substrato do mito. Bem antes da ascendência do mito de Cristo, os mitos primais da deusa foram esmagados sob o peso de gerações de deuses masculinos que usurparam o seu lugar no esquema das coisas, conquistando os seus centros sagrados e tomando para si mesmos algumas facetas dos seus atributos. Se remontarmos aos mitos primevos da humanidade, encontraremos a deusa na sua forma mais pura, normalmente tríplice. No Antigo Egito, é

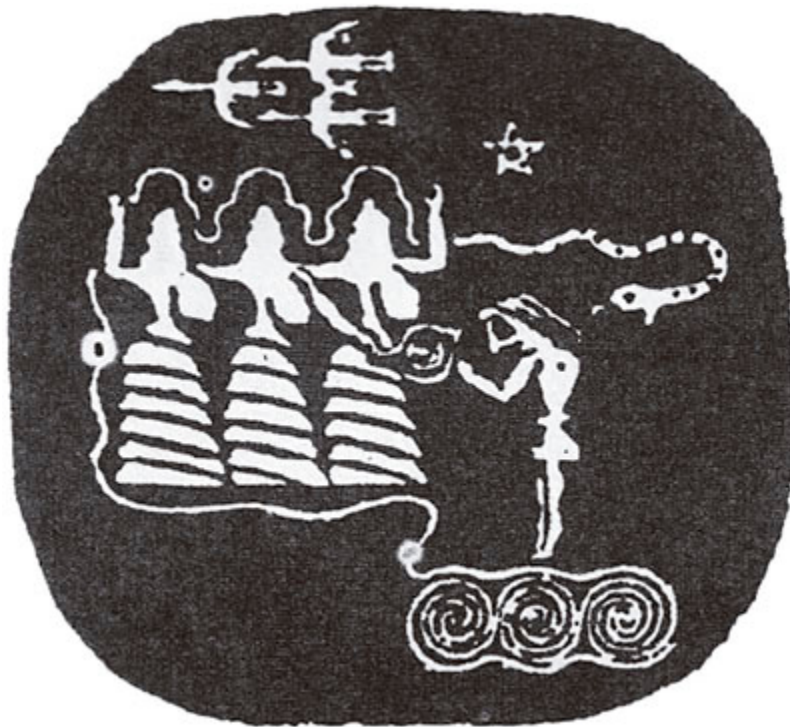
Neith/Nut e, mais tarde, Ísis, que a representam para nós. Observamos que o culto e o reconhecimento de Ísis se mantêm fortes, embora comece, em dinastias egípcias posteriores, uma masculinização da hierarquia dos deuses com Amon-Rá. Na Grécia Antiga, os primeiros mitos esboçavam muitas manifestações da deusa. Quem estudou mitologia grega pode ver que, provavelmente no início do primeiro milênio antes de Cristo, o deus celeste Zeus-Dyeus foi levado para a Grécia por uma nova onda migratória. A partir de então, o caráter dos mitos gregos se transformou de alguma maneira quando Zeus, por meio da violação e da astúcia, destronou a deusa de muitos dos seus centros de culto. Ele teve filhos com deusas individuais – mas esses filhos eventualmente reuniram em si alguns atributos da mãe. Portanto, podemos ver que os povos gregos desse ponto de transição precisaram identificar-se antes com deuses masculinos do que com as deusas mais antigas, razão por que reformularam sua mitologia a fim de se adaptarem. Mas esse processo é bem transparente, pois os estudiosos podem identificar essas mudanças nos mitos e, eliminando as influências mais recentes, recuperar a essência das deusas primais.



Deusas num vaso grego

Na realidade, a mitologia grega nos fornece a maior fonte de materiais sobre a deusa. Para exemplificar o processo, consideremos Apolo. Apolo é gerado por Zeus em Leto, uma deusa titã pertencente ao antigo substrato de deuses e deusas que existia na Grécia antes de Zeus e de sua consorte Hera. Hera tem ciúme do relacionamento de Zeus com a deusa mais antiga e tenta impedir Leto de dar à luz, mas esta foge para uma ilha distante. Lá, pare Apolo e sua irmã gêmea, Ártemis. Apolo é um deus solar e Ártemis torna-se a deusa virgem caçadora da luz lunar. Apolo recebe o dom da música e muitos mitos falam dele como a fonte da inspiração, tocando a sua lira. Contudo, embora fosse um deus popular entre o povo grego, Apolo de certo modo nunca pôde usurpar o lugar das Musas que o precederam, representantes da forma trinitária da deusa. As Musas permaneceram como a inspiração espiritual feminina presente na música, na poesia e nas artes. Podemos ver que o culto de Apolo tentou substituir as Musas por um deus masculino, mas a psique coletiva dos povos gregos não poderia desistir de

suas deusas da inspiração com muita facilidade. Assim sendo, Apolo, em vez de ser o rival das Musas, teve de se tornar o seu protetor. Podemos identificar muitos exemplos dessas tentativas de substituição de deusas das mitologias precedentes por divindades masculinas. A mitologia grega mostra especial transparência quanto a isso, provavelmente por ter sido registrada enquanto esses processos se desenvolviam. Outras mitologias, dos povos teutônicos ou escandinavos, por exemplo, só foram registradas séculos ou até milênios depois do término desses processos, sendo mais difícil de deslindar as suas linhas e de identificar os primeiros estratos das deusas nessas culturas.



Selo babilônico

O caráter tríplice da deusa é muito importante. Não se trata de uma mera multiplicação por três, mas de uma manifestação sob três aspectos, a deusa se revela em três níveis, nos três domínios do mundo e da humanidade. Assim é que o ser humano é tríplice, tendo corpo, alma e espírito; as três facetas da deusa costumam ser vistas como correspondentes a esses planos

do microcosmo do ser humano. O macrocosmo também é tríplice: consiste no céu (o reino uraniano), na superfície da Terra (e, por vezes, no mar) e nas profundezas da Terra (o mundo inferior ctônico). Algumas deusas tríplices exibem facetas que as ligam com esses três reinos. Do mesmo modo, o reino do tempo tem três dimensões – Passado, Presente e Futuro – e algumas deusas correspondem, de maneira tríplice, à divisão do tempo.



Selene: Deusa Lunar Tríplice

Como já indiquei, a deusa tríplice une dualidades, razão por que, em algumas de suas manifestações, uma de suas facetas é positivamente inclinada para os seres humanos que a encontram, outra tem disposição negativa e uma terceira serve de mediação às duas primeiras e decide o seu curso de ação.

O mais importante aspecto tríplice da deusa é a sua manifestação como Virgem/Mãe/Anciã. Trata-se talvez da representação com a qual as pessoas têm mais facilidade de se identificarem, visto corresponder às três

fases da vida da mulher. Ela também nos remete ao ciclo das fases lunares e ao ciclo menstrual, à ovulação e à possível gravidez. São processos que correspondem às facetas de Jovem/Mãe/Velha.

Outra maneira de considerar a deusa tríplice pode advir do exame de suas várias relações possíveis com o masculino. Desse modo, podemos vê-la como Virgem, sem vínculo com o masculino (como Atena), como a figura da esposa madura e fiel (Hera) ou como a Prostituta que escolheu os seus muitos amantes (Afrodite). A deusa também pode ser vista por meio de relações com o masculino que não envolvem esse aspecto sexual. Assim, pode ser a Filha (ou, por vezes, a Irmã), a Esposa e a Viúva.



Ilustração alquímica (século XVII)

A concepção hermética dos Três Princípios – Sal, Enxofre e Mercúrio – também pode fornecer uma imagem das três facetas da deusa. O Sal é o princípio contrátil, sombrio e terreno; o Enxofre é o princípio radioso, expansivo, luminoso e celeste em ação; e o Mercúrio é o elemento que

serve de mediação e de ligação para o Sal e o Enxofre do nosso ser. O Mercúrio sobe até o elemento Enxofre e traz uma essência para a esfera do Sal que está no interior da nossa alma, em eterna circulação entre essas polaridades. Assim, o Mercúrio pode ser considerado uma imagem da nossa consciência, podendo esse tríplice aspecto ser reduzido, embora isso seja uma grosseira simplificação à trindade Corpo, Alma e Espírito da nossa natureza. Algumas deusas tríplices têm facetas paralelas às trindades Sal-Mercúrio-Enxofre ou Corpo-Alma-Espírito, em particular nos casos em que duas facetas suas são polarizadas e quase antagônicas entre si, enquanto o terceiro membro lhes serve de mediação.



Selo cilíndrico babilônico

Há muitas outras maneiras de abordar esse caráter tríplice, pois a deusa apresenta um arquétipo que ressoa com a estrutura interior da nossa alma, e, se meditarmos e trabalharmos interiormente com esses aspectos, muitas outras descobertas sobre a natureza da deusa serão reveladas.

Esse caráter tríplice pode ser percebido em muitas facetas da vida e torna a deusa tríplice uma figura com quem podemos nos identificar facilmente. Ela se relaciona com a própria substância da nossa humanidade e, se lhe dermos espaço para agir como figura mítica, pode inspirar a nossa alma,

nutrir e sustentar os nossos recursos interiores e transformar o próprio cerne do nosso ser.

Neste livro, preferi focar o arquétipo da deusa tríplice e não a deusa em si. O arquétipo mais geral costuma ser visto na mitologia como tríplice; assim, por exemplo, Afrodite foi vista como Virgem, como Esposa e como Prostituta. Uma trindade semelhante está na figura de Ísis como Irmã, Esposa e Viúva de Osíris. Seria impossível, dadas as limitações deste livro, empreender a tarefa de catalogar todas as facetas tríplices da deusa; assim, restringi minha pesquisa a uma consideração da deusa que revela ser a sua forma tríplice um aspecto essencial da sua natureza. Também concentrei o livro na tradição ocidental – mitos gregos em particular – que forneceu o terreno mais recompensador para o meu estudo desse elemento da mitologia. Não espero que este livro seja considerado um estudo exaustivo da deusa tríplice, visto não contar com os elementos da mitologia africana, sul-americana, da Oceania e do Oriente para propor essa visão geral. Mas acredito que ao menos consegui fazer um esboço desse arquétipo, dar algumas indicações sobre o modo como podemos nos relacionar com esse caráter tríplice e assinalar sua relevância para a real compreensão dos mistérios do nosso ser interior.

Espero ter sido capaz de mostrar que esse arquétipo permanece sendo a chave para a descoberta do reservatório de energias antigas e de sabedoria espiritual acumulado e reprimido em nós mesmos. Por termos crescido no Ocidente, herdamos os problemas de uma raça cuja alma coletiva teve abertas em sua substância, ao longo de milênios de luta exterior e interior, profundas feridas resultantes da evolução de estruturas patriarcais dualistas e unilaterais. Se nós, homens e mulheres, conseguirmos nos religar com o arquétipo da deusa no solo do nosso ser, ela poderá nos ajudar a curar essas feridas do dualismo e a sermos agentes da transcendência, abrindo a porta da nossa alma para o encontro e o casamento interiores entre nossos componentes masculino e feminino. Tudo está dentro de nós, se tivermos a coragem de empreender a jornada.



Deusa Tríplice minoica com Machado Duplo e o Sol e a Lua

A DEUSA TRÍPLICE NOS MITOS GREGOS DA CRIAÇÃO

A mitologia grega é inerentemente complexa, visto ter se originado, em termos orgânicos, emanando da alma do povo grego ao longo de dois milênios. Não é, portanto, nenhuma surpresa descobrir que os mitos gregos se desenvolvem camada após camada e que essas diferentes camadas sejam com frequência confundidas devido à sua interpenetração. Isso se aplica em especial aos mitos da criação, porque, neles, muitos comentadores e narradores posteriores desejaram integrar outros mitos antigos e impor suas próprias concepções da criação. Durante o período patriarcal e da ascensão dos deuses do Olimpo sob a égide de Zeus, fizeram-se prodigiosas tentativas de reformulação da mitologia da Criação para dar a Zeus uma participação formadora. Contudo, havia na alma grega uma memória tão forte e um sentimento tão profundo pelos deuses e deusas primitivos, e até pelas forças espirituais anteriores ao ciclo dos Titãs, que essa tentativa de reescrever as histórias da criação fracassou. Embora a intrusão dessas interpretações e interpolações posteriores tenha muitas vezes confundido e distorcido a estrutura bem formada e equilibrada dos primeiros mitos da criação, não é muito difícil juntar as pontas soltas, particularmente quando percebemos a importância primal que tinha para os gregos o arquétipo da deusa tríplice. De fato, nós a encontramos em sua forma mais pura nos antigos mitos da criação.



Ovo da Criação órfico



Representação da Deusa Gaia

São muitos e variados os ciclos de mitos gregos da criação: por exemplo, os mitos pelasgianos vinculam-se estreitamente com o quadro homérico da criação em que Tétis e Oceano tornam o mundo manifesto a partir do mar. Outro ciclo, o mito órfico da criação, conta como Nix (Noite) põe o Ovo Cósmico. O mito olímpico apresenta um tema cíclico em que Gaia (Terra) e Urano (Céu) são vistos como os pais primordiais. Esses diferentes ciclos são aparentemente contraditórios e somos tentados a desprezá-los, tomando-os por mitos independentes, com poucos vínculos entre si. Entretanto, creio que, se os examinarmos tendo em mente o arquétipo da deusa tríplice, surgirá um quadro coerente:

A versão homérica apresenta Tétis como a Grande Mãe Deusa, os órficos apresentam Nix, enquanto o mito olímpico concentra-se em Gaia como a Criadora. Esses três mitos se unem quando reconhecemos essas três deusas como facetas individuais de uma só deusa tríplice primal. Em sua *Teogonia*, Hesíodo até fornece um mito em que essas três facetas se originam do Caos ou das Trevas primais:

Tétis vinculada com o elemento Água

Nix vinculada com as trevas do Espaço e com o elemento Ar

Gaia vinculada com o elemento Terra

Cada uma delas tem um consorte:

Tétis – Oceano

Nix – Erebo

Gaia – Urano

Esses três aspectos correspondem à tríplice divisão na consciência na humanidade. Assim, a faceta Nix é o reino inconsciente sombrio, enquanto os deuses que vêm de Gaia trabalham mais na esfera plena de luz da nossa

consciência. O mar é um símbolo da interação entre esses dois domínios, pois exibe sombrias profundezas que se unem ao reino inconsciente, bem como ondas de superfície, que arrebatam formando a espuma sobre a qual a luz pode brincar. Portanto, os seres que emergem dessa faceta têm muitas vezes um duplo caráter, um lado luminoso e um lado trevoso.

É instrutivo observar o nome de alguns dos filhos dessas três correntes da criação:

MAR	CÉU	TERRA
TÉTIS	NOITE	GAIA
Estige	Moiras	Titãs
Afrodite	Sorte, Destino e Morte	Olímpicos
Métis	Sono e Sonhos	Zeus
Eurínome	Remorso	Reia
Dione	Miséria e Discórdia	Hera
Europa	Nêmesis	Deméter
Dóris	Velhice	
Fórcidas	Hécate	
	Erínias	
	Hespérides	

Creio que esse quadro pode nos trazer novas revelações sobre as inter-relações desses vários elementos da mitologia grega. Muitos escritores que mergulharam nos mitos gregos trabalharam com os impulsos e arquétipos patriarcais prevalecentes que caracterizaram o período clássico. Apenas uns poucos desses estudiosos – merecendo especial menção Robert Graves e

Karl Kerényi – penetraram até a tradição subjacente da deusa sobre a qual os mitos patriarcais foram alojados. Nessa camada mais profunda, em que as deusas estão em posição de equilíbrio com relação aos seus consortes masculinos, está um quadro espiritual das forças em ação na alma humana – e é ela que hoje tem relevância para nós. A outra rota, a da mitologia patriarcal clássica da Grécia, leva ao impulso imperial romano, masculino e heroico – e, portanto, ao cristianismo, dominado pelo patriarcado e pela negação do feminino, e, em última análise, à terrível ferida do dualismo que herdamos na alma ocidental. Com a ascensão e preponderância do elemento masculino no primeiro milênio antes de Cristo, a humanidade seguiu um rumo que envolve riscos para a saúde da nossa alma. Começamos agora a perceber que, nas profundezas da nossa alma, não somos exclusivamente nem masculinos nem femininos, mas temos uma natureza para a qual concorrem ambas as facetas. Negar, exaltar ou inflar uma delas leva tanto à distorção como ao erro, bem como à perda da oportunidade de vivenciar a totalidade do nosso ser.

De cada uma dessas correntes da criação surgiram três conjuntos de deusas tríplexes, que refletem o quadro dos três domínios da alma humana:

NIX	TÉTIS	GAIA
Moiras	Górgonas	Horas
Erínias	Greias	Cárites
Hespérides	Sereias	Musas

O impulso que gerou este livro surgiu da contemplação da natureza desses conjuntos tríplexes de deusas e de suas inter-relações. Fico surpreso com o fato de o quadro que surgiu no meu trabalho parecer não ter sido articulado por outros autores ou comentadores dos mitos gregos, visto haver um sistema evidente e integral na base desses grupos. A chave da deusa tríplex abre muitas portas, dando acesso às camadas mais profundas do nosso ser.

As Filhas da Noite da deusa tríplice – as Moiras, as Erínias e as Hespérides – vinculam-se com a proteção das energias primais da vida. Elas trabalham no interior do nosso inconsciente mais profundo, como impulsos que envolvem a questão do destino, da nossa descendência e da nossa imortalidade. As Moiras, por exemplo, agem no mais profundo do inconsciente como impulsos vinculados com a questão do destino. As Erínias protegem a linhagem e defendem com fúria a essência sutil que transmitimos às futuras gerações de descendentes nossos. As Hespérides são as guardiãs da nossa necessidade interior de imortalidade.

Por outro lado, o grupo de deusas tríplices que vêm do reino do mar por meio das Fórcidas tem um outro caráter e age como guardião do limiar. Suas deusas aparecem arquetipicamente no ponto de ligação entre o inconsciente e a mente consciente. Num certo sentido, elas nos alertam para que esperemos até estarmos prontos para fazer com segurança a nossa viagem interior. Assim, têm de início uma aparência aterrorizadora. Quando penetramos nas profundezas interiores do inconsciente, temos a impressão de nos dedicarmos a uma tarefa arriscada e perigosa, mas por trás dessas guardiãs há outras figuras, que nos ajudam e nos guiam. Os registros delas só conservam o quadro exterior. Quando passamos por elas e as enfrentamos, seu terror petrificante se modifica; a máscara da sacerdotisa é removida e ela se apresenta a nós antes como um guia do que como um tormento. A partir de dentro, a experiência das Três Greias, das Três Górgonas e das Três Sereias é bem diferente, um fato indicado nos mitos em que está registrado que, sem exceção, todas essas figuras terríveis um dia foram belas.

Da corrente de Gaia, a Mãe Terra, surgiram, graças ao intercuro entre Zeus e três mulheres titãs, as Horas, as Cárites e as Musas. Esses três conjuntos de deusas tríplices estão cheios de luz, de graça e de inspiração para a nossa mente consciente. Suspeita-se que poucos se sentiriam desagradados na sua presença. Elas são patronas das Artes (as Musas), do equilíbrio e da harmonia da Alma (as Horas) e da gentileza e da graça (as Cárites). Vivem como arquétipos da beleza nas alturas do nosso ser. Estão

bem acima de nós, em nossos Olimpos interiores, como aspirações que jamais podemos alcançar por inteiro, que jamais conseguimos realizar; mas a partir dessas figuras, nesse elevado reino da nossa alma, pode surgir uma torrente constante de inspiração e de energia criativa que vem da alegria de viver.

Creio que devemos reconhecer todas essas facetas do nosso ser como fontes de inspiração; elas refletem aspectos distintos da deusa tríplice. A adesão exclusiva a uma delas leva a um desenvolvimento desequilibrado. De fato, essa é uma crítica que o patriarcado sempre esgrime contra os mistérios femininos.

Se seguirmos apenas a faceta das Filhas da Noite, seremos levados às profundezas da inconsciência sombria e não teremos harmonia com outros planos da nossa existência. Reconhecemo-lo nos excessos das Mênades, seguidoras do culto dionisíaco que mergulhavam de cabeça no inconsciente.

Seguir somente o reino de beleza, de luz e de suavidade das Musas e das Graças é outro erro da alma, embora muitos não o reconheçam. Quando perdemos o contato com a nossa natureza terrena, corremos o risco de nos tornarmos “suscetíveis”, “melosos”, “bonzinhos”, “bonitinhos”. Essa atitude pode ser delicada e bela, mas continua a ser um problema de grande magnitude para o componente feminino da nossa alma. Muitas mulheres dotadas de energia criativa – bem como homens sensíveis, abertos ao lado feminino de si mesmos – sucumbem a esse modo ilusório de trabalharem consigo mesmos e provocam o desdém e a ridicularização por parte da maioria, voltada para uma atitude masculina mais concreta.

Quem mergulha no grupo de arquétipos relativos às Fórcidas, as Górgonas guardiãs, fica obsedado com a fronteira, o ponto de contato, o limiar entre o consciente e o inconsciente. É tanto atraído como repellido por esses arquétipos e fica, num certo sentido, petrificado e congelado em suas ações, incapaz de se mover numa ou em outra direção. Essas pessoas só se sentem seguras quando se mantêm nesse terreno intermediário da alma, ao mesmo tempo cétricas e fascinadas pelo espiritual. São incapazes de alcançar as Musas nas alturas de sua alma e carecem da coragem para

penetrar nos mistérios do seu próprio inconsciente. Essa rigidez, essa incapacidade de progredir, essa resistência à mudança ou esse medo do novo costumam ser alvo da crítica ao lado feminino da nossa natureza feita pelo macho patriarcal.

Por conseguinte, podemos ver que surgirão certos problemas no nosso caminho se tentarmos trabalhar com apenas uma faceta da deusa tríplice. Essas dificuldades interiores que surgem na alma podem enrijecer-se e se cristalizar em diferentes hábitos de personalidade que têm sido apresentados como imagens estereotipadas das imperfeições e incapacidades da mulher, no curso dos séculos, pela corrente patriarcal dominante. Devemos chegar a trabalhar simultaneamente com todos os aspectos do arquétipo da deusa. Se o fizermos, serão estabelecidas certas ressonâncias entre os três domínios da nossa alma, ressonâncias que permitirão a comunicação e o intercâmbio de energias entre esses domínios. Então, o inconsciente vai começar a falar com a nossa mente consciente, seguindo-se a isso um diálogo entre eles. Advém desse diálogo a possibilidade de uma verdadeira cura para as feridas da alma por meio do casamento interior dos opostos.

AS FILHAS DA NOITE

As Filhas da Noite, as Erínias, as Moiras e as Hespérides, refletem aspectos do lado sombrio da deusa. Na alma, elas representam elementos primais da parte sombria inconsciente do nosso ser. Embora não tenhamos consciência permanente delas, elas de fato habitam o nosso inconsciente como fatores fundamentais. Se alcançarmos suas esferas de influência, elas se manifestarão, irrompendo repentinamente do nada, surgindo diante da nossa visão consciente, por vezes projetando-se em pessoas e eventos que nos cercam. Elas personificam três facetas distintas do lado sombrio.

As Erínias ou Fúrias representam a raiva primal que há no nosso íntimo, a raiva sedenta de vingança diante da ameaça à nossa força vital. Elas defendem seus domínios mediante uma fixação na vingança e não se interessam por retribuição, sendo bastante insensíveis a quaisquer argumentos. Se esse nosso aspecto primal for ativado, podemos só ter olhos para a vingança, e nós mesmos ficaremos chocados – com os extremos a que podemos chegar. Quando um arquétipo dessa espécie se manifesta coletivamente na sociedade, podem ser perpetradas façanhas deveras monstruosas.

A faceta das Moiras é bem mais passiva, embora igualmente inexorável. As Moiras que temos em nós tecem o nosso destino, de que são uma personificação. O contato com esse aspecto pode tanto inspirar como deprimir a nossa força vital. Se tivermos uma sensação de que há correntes positivas em ação na nossa alma, graças à boa disposição das nossas Moiras para conosco, é possível liberar grandes forças de positividade e tornar

disponíveis para nós recursos de energia vital. Mas se sentirmos que as nossas Moiras teceram para nós um futuro trágico ou vazio, ficaremos deprimidos e nos sentiremos drenados da energia vital.

As Hespérides são figuras guardiãs da nossa psique e mantêm longe de nós as Maçãs Douradas da Imortalidade, razão por que é raro encontrarmos esses seres no nosso interior. As Maçãs da Imortalidade representam a essência das nossas encarnações precedentes, bem como a essência coletiva da parte eterna da humanidade. As Hespérides nos afastam desses frutos para nos proteger do seu poder assustador, pois a nossa consciência se afogaria facilmente se recebesse de repente o conhecimento do nosso passado, da nossa parte imortal mantida em segurança no inconsciente. Contudo, por vezes uma parte desse conhecimento consegue penetrar na nossa mente consciente, causando com frequência, no início, certa perplexidade e certa confusão; às vezes, oferece uma fonte de inspiração, chegando a mudar toda a direção da nossa vida. O fruto das Hespérides tem um tremendo poder e a sábia proteção que dão a esse poder é essencial para nós.



Dante e Virgílio diante das Erinias do Hades
Ilustração de Gustave Doré para *A Divina Comédia*

AS ERÍNIAS OU FÚRIAS

As três Erínias ou Fúrias estão entre as mais antigas deusas gregas. Em todos os diferentes mitos da criação, elas têm um lugar no esquema primordial das coisas, precedendo em muito as divindades masculinas do ciclo de Zeus. Assim, são consideradas contemporâneas dos Titãs, nascidas da união entre o Ar e a Mãe Terra, ou filhas da Terra surgidas, segundo Hesíodo, do sangue do Urano mutilado. Ésquilo descreve-as como Filhas da Noite (Nix), enquanto, para Sófocles, eram filhas da Treva com a Terra.



Erínias

Essas três anciãs são Aleto (“a de ira incessante”), Tisífone (“vingadora do assassinio” ou “retaliação”) e Megera (“a ciumenta”). Vivem no mundo inferior. Ésquilo descreve-as como pavorosas mulheres semelhantes a Górgonas, que envergam longos vestidos negros, com tranças formadas por cobras, olhos injetados e unhas semelhantes a garras, sendo mais tarde

representadas como donzelas aladas de aspecto sério, vestidas de caçadoras, com serpentes ou tachas nos cabelos, portando açoites, tachas ou foices.

Elas vingavam o derramamento de sangue, de modo particular o de um genitor, e, mais especialmente, o assassinato da mãe pelo filho. Quando isso acontecia, saíam da sua morada nos portões do Hades e perseguiram o autor do derramamento de sangue até a vingança. Ninguém podia escapar da sua fúria. Podemos vê-las como guardiãs da linhagem, das forças que atuam por meio da hereditariedade. Foram mais tarde consideradas como tendo três facetas, cada uma das quais costumava receber um nome diferente. Como Sêminas (e como Eumênides), eram as “veneráveis ou gentis”; como Diras, proferiam “maldições” contra quem transgredia as leis da linhagem; e como Manias ou Fúrias, vociferavam em seu furioso aspecto vingativo. Eram adoradas no seu santuário no sopé do Monte Areópago em Atenas.

Como protetoras dos direitos da linhagem matriarcal, as Erínias não se harmonizavam com a mudança para uma sociedade mais patriarcal que se desenvolvia na Grécia no primeiro milênio antes de Cristo. Eram “demasiado antigas, por demais arraigadas no coração do povo para serem facilmente substituídas por um grupo de deuses e deusas vingativos mais simpáticos ao novo clima do patriarcado. Contudo, foram transformadas nas delicadas Eumênides – o que podemos ver expresso de maneira mais clara na lenda de Orestes e as Fúrias na tragédia de Ésquilo “Eumênides”.



Erínias perseguindo Orestes

Orestes, filho de Clitemnestra, matou a mãe num acesso de fúria vingativa por ter esta assassinado o seu pai. As Erínias, naturalmente, o perseguiram, incansáveis, por mais de um ano, enquanto ele usava todos os recursos para purificar-se do matricídio. Elas não se pacificaram e Orestes foi obrigado a procurar refúgio no templo de Apolo. Os deuses concordaram em julgar Orestes e o primeiro julgamento com júri foi presidido por Atena. Houve um empate e a decisão coube a Atena, que votou contra a punição do matricídio. As Erínias ficaram possesas e exclamaram que os deuses da nova geração tinham desrespeitado as leis antigas e as desautorizado. Ameaçaram arrasar a Terra, deixando cair uma gota do sangue do seu coração sobre ela, e, como ainda tinham poder em relação à descendência, podiam fazer cair sobre a humanidade a esterilidade. Terminaram por ser aplacadas e reconciliadas com a nova ordem quando se concordou que fossem adoradas com sacrifícios num santuário em sua honra em Atenas. Receberam o nome de Eumênides ou “gentis”, tomado de empréstimo de uma tríade anterior de deusas do mundo inferior que fizeram surgir do solo plantas comestíveis como uma dádiva à humanidade. Elas controlavam as

forças do crescimento que operavam no reino vegetal a partir de baixo. São, portanto, forças da Terra claramente femininas, opostas às forças masculinas que operam a partir de cima, à luz do Sol. Elas também governavam forças que agiam por meio do feminino na reprodução humana. As Erínias eram, por conseguinte, deusas tríplexes guardiãs e protetoras da integridade da linhagem matriarcal, enquanto as Eumênides eram deusas tríplexes que nutriam o fluxo da vida e dele cuidavam por meio do feminino. Logo, podemos ver que essas duas facetas terminaram por se fundir nesse período ulterior da sociedade grega, que foi entregue quase inteiramente a uma estrutura social patriarcal.



Erínias



Erínias amarrando Pirítoo no Hades

AS MOIRAS OU AS FILHAS DO DESTINO

As três Moiras são a deusa do destino em seu tríplice aspecto. O termo Moira significa “parte”, por essa razão, as três Moiras estão associadas com as três fases ou partes da Lua. Filhas da grande deusa tríplice Nix, pertencem ao estrato primordial das divindades.



As Três Moiras

Nem o próprio Zeus podia opor-se aos seus decretos. Eram conhecidas como as Fiandeiras do Destino, que teciam os dias da vida humana como um fio. O comprimento desse fio era decidido inteiramente por elas. Cloto é a “fiandeira”, que porta a roca e tece a trama da vida; Láquesis é a “distribuidora”, para quem o fio passa ao sair da roca a fim de ser medido; e Átropos é a “inevitável”, que corta o fio com a sua tesoura.



As Moiras, ou as deusas romanas que regem o destino

Em alguns contos, diz-se que elas vivem no Céu, numa caverna ao lado de uma fonte de onde jorra água branca, provavelmente uma referência ao seu caráter lunar.

AS HESPÉRIDES

No casamento de Zeus e Hera, Gaia (Mãe Terra) deu a Hera a Árvore das Maçãs Douradas, mais tarde colocada sob a proteção das três Hespérides no pomar de Hera, no Monte Atlas.

As três Hespérides, denominadas Hesperaretusa (“a vespertina”), Egle (“a luminosa”) e Eritia (“a carmesim”), eram, numa versão, as Filhas da Noite; fazem parte das gerações primevas de deuses e deusas, tendo precedido em muito o surgimento de Zeus; em outras histórias, são consideradas filhas de Atlas ou de Fórcis e Ceto. Seus nomes as identificam de modo claro com o Pôr do Sol e o seu reino está nos limites extremos do Ocidente. Elas guardam a Árvore das Maçãs Douradas da Imortalidade, acompanhadas pela serpente Ladão, filha de Fórcis e Ceto, por vezes descrita como

tricéfala. Em algumas histórias, Ladão e as Hespérides são mostrados como guardiães mútuos; em outras, como rivais jogados uns contra os outros. As Hespérides cantam docemente com suas vozes cristalinas, o que levou alguns registradores de mitos a se confundirem, relacionando-as com as Sereias. Receberam ainda outro conjunto de nomes: Líparo (“a de suave radiância”), Crisótemis (“lei e ordem perfeitas”) e Asterope (“brilho das estrelas”). Um outro trio, composto por Higeia, Medusa (que também é o nome de uma das Górgonas) e Mapsaura, soma, com os outros, nove, o triplo três, que observamos ser uma triplicação da deusa tríplice.



As Hespérides cuidando de sua macieira, em torno da qual se enrodilha Ladão

O Décimo Primeiro Trabalho de Hércules foi colher algumas maçãs do Jardim das Hespérides. O grande herói masculino o conseguiu antes pela astúcia do que pela força: pediu a Atlas, nessa lenda pai das donzelas, para pegar alguns frutos para ele enquanto Hércules carregava o peso dos céus. Atlas logo concordou e voltou com as maçãs, mas relutou em receber de

novo a sua carga. Hércules enganou o pobre Atlas pedindo-lhe que segurasse os céus apenas por um momento mais enquanto fazia uma almofada para proteger a cabeça, recusando-se depois a recebê-los de volta. Tendo Hércules retornado com as maçãs, que foram entregues a Atena, esta as devolveu às Hespérides, pois era ilegal a retirada da propriedade de Hera das mãos delas.

AS FILHAS DAS DIVINDADES DO MAR: AS FÓRCIDAS

Há três grupos de figuras de deusas tríplexes, conhecidas coletivamente como Fórcidas, nascidas das antigas divindades do mar, Fórcis e Ceto. Elas estão na interligação entre a mente consciente e o inconsciente, da mesma maneira como a superfície do mar serve de mediação entre o reino sombrio em suas profundezas e o mundo superior, pleno de luz, sob a abóbada celeste. Esses três grupos de deusas são guardiães desse limiar.

As Górgonas, com suas terríveis máscaras, parecem alertar-nos contra a imersão prematura nas sombrias profundezas do nosso mundo inferior psíquico, o nosso domínio inconsciente. Se penetrarmos nesse reino sem a preparação adequada, podemos ficar petrificados, ter a vontade paralisada e perder a capacidade de compreender as forças e os tenebrosos poderes do nosso inconsciente. Seríamos reduzidos a uma completa inatividade da alma.

As Sereias trabalham no sentido oposto, tentando ativamente atrair-nos para a sua esfera com o seu canto sedutor e suas belas formas.

As Greias ficam na fronteira, marcando a sua existência, mas não têm o poder de nos repelir nem desejam nos atrair para a sua influência. Essas duas facetas das Greias são lembradas no mito não apenas como repulsivas Velhas Grisalhas, mas como seres dotados de uma bela forma de cisne. O cisne, na qualidade de ave que passa a maior parte da vida sobre a superfície da água, é o símbolo universal da consciência, que se apoia nas profundas águas do inconsciente e se mantém acima delas.

Vemos que esses três grupos, trabalhando na fronteira entre a consciência e o inconsciente, podem ser distinguidos uns dos outros. As Górgonas desejam nos repelir, nos assustar; as Greias apenas indicam a fronteira, enquanto as Sereias desejam nos atrair e nos levar a penetrar em nosso reino inconsciente, estejamos ou não preparados para isso. As Harpias se relacionam com as Sereias e são frequentemente confundidas com elas em lendas e histórias posteriores, razão por que as incluí na categoria ora considerada.

AS GÓRGONAS

As três Górgonas viviam na extremidade ocidental do mundo e seu santuário formava fronteira com o reino da Noite. Essas irmãs, filhas imortais de Fórcis e Ceto, chamavam-se Medusa (“a ladina”), que era mortal, Esteno (“a forte”) e Euríale (“a que corre o mundo”).

Originalmente, as Górgonas tinham rostos muito belos e corpos bem formosos, além de graciosas asas douradas arqueadas por sobre os ombros. Medusa provocou a ira de Atena ao fazer amor com Posídon (o deus sombrio do Mar) num dos santuários desta. Atena tornou-a mortal e a transformou, e às suas irmãs, em feias megeras, as Repugnantes. Tinham a pele escamosa de um lagarto e cobras silvantes por cabelos; sua língua era protuberante, cercada por presas de javali. Medusa era a mais feia e petrificadora das três. O terrível olhar das Górgonas era tão intenso que transformava os mortais em pedra e por toda a volta da caverna onde viviam podiam-se ver figuras de homens e animais que tinham olhado casualmente para elas e foram petrificados por essa visão. Podemos vê-las, nesse sentido, como figuras guardiãs, protetoras das fronteiras dos antigos mistérios primais, guardiãs do limiar. Robert Graves, entre outros, sugere que as sacerdotisas usavam, na celebração dos Mistérios, máscaras de Górgonas para afastar os não iniciados. Cabeças de Górgonas, na forma de grotescos entalhes, eram colocadas com frequência nos muros das cidades

gregas para aterrorizar os inimigos, um exemplo de proteção de fronteiras incorporado pelo arquétipo das Górgonas.



Perseu cortando a cabeça de Medusa



Máscara representando a imagem terrível das Górgonas



A mitologia masculina posterior fala do herói Perseu, que, enviado numa missão suicida para trazer a cabeça de Medusa, atraiu a simpatia e a ajuda de Atena. Com sua ajuda e com o empréstimo de sandálias aladas, um elmo de invisibilidade e um escudo brilhante, Perseu penetrou no reino das Górgonas. Encontrando-as adormecidas, ele se aproximou delas, protegido pelo elmo da invisibilidade e, caminhando de costas, olhando apenas para o reflexo da cabeça de Medusa em seu escudo, pôde decapitá-la com a espada guiada por Atena, e escapar. Perseu levou a cabeça guardada em segurança numa bolsa mágica e a deu de presente a Atena – que a pendurou no cinto ou, como dizem outras versões, fixou-a no centro da égide do seu escudo.

Em outro mito envolvendo as Górgonas, Atena deu a Asclépio dois frascos do sangue de Medusa. Venerado como o fundador da medicina, Asclépio era habilidoso na cirurgia e no uso de remédios. Ele usou o sangue do lado esquerdo de Medusa para levantar os mortos; o sangue do lado direito provocava morte instantânea. Na verdade, Asclépio preferia trabalhar apenas com a capacidade curativa dos remédios. Mas o fato de o sangue de Medusa poder tanto curar como matar demonstra que a figura da Medusa ou da Górgona não era estritamente negativa e destruidora, tendo em si forças curativas positivas, o que lhe dava equilíbrio.

AS GREIAS

As três Greias são descritas como belos seres de corpo semelhante a um cisne, embora de cabelos grisalhos desde o nascimento, mas alguns contos sobre as “Três Velhas” representam-nas como feias; ao que dizem, tinham um único olho e um único dente, que compartilhavam, passando-os uma para as outras. Eram filhas de Fórcis e Ceto. Seus nomes eram Ênio (“aguerrida”), que sempre se vestia de amarelo, Penfredo (“vespa”), que envergava sempre belos trajes, e Dino (“a terrível”).

Elas têm pouca participação nos mitos gregos que chegaram até nós, mas parecem ser figuras guardiãs que tinham conhecimento do caminho que leva ao reino das suas irmãs, as Górgonas.

Em mitos posteriores do herói, mitos que glorificam o lado masculino da humanidade, Perseu as visita em seus tronos do Monte Atos para descobrir o caminho para as Górgonas. Ele se aproveita despididamente delas ao roubar-lhes o seu único olho, enquanto as irmãs o passavam para ver o visitante. Por isso, Perseu consegue trocar o olho pela informação de que precisa e elas lhe dizem que deve procurar as Ninfas Estígias. Delas o herói obtém sandálias aladas, uma bolsa mágica e o elmo de invisibilidade; com esses apetrechos, ele consegue dirigir-se ao reino das Górgonas, decapita Medusa e dá a sua cabeça a Atena.

AS SEREIAS

Por vezes descritas como as três filhas do rio Aqueloo, as Sereias, segundo se dizia, atraíam os marinheiros para a morte com o encanto de sua voz. O nome “sereias” é derivado de uma raiz grega que significa “prender ou vincular”. Essas ninfas marítimas costumavam ser três, tendo contudo recebido nomes diferentes de acordo com os autores. Numa história, chamam-se Aglaofênia (“a de voz brilhante”), Telxiépia (“a das palavras que encantam”) e Molpe (“canção”). Na Itália, recebiam os nomes de Partênope (“virgem”), Leucósia (“deusa branca”) e Lígia (“voz brilhante”). Outra fonte as denomina de Telquiteira (“a que encanta”), Agláoipe (“face gloriosa”) e Pisinoe (“sedutora”).

No início, eram representadas com cabeça e busto de mulher e corpo de pássaro, sendo mais tarde apresentadas como mulheres cujo corpo terminava em rabo de peixe.



Uma Sereia

Dizia-se que eram companheiras de Perséfone antes do rapto desta por Hades, quando a procuraram, em vão, por todos os cantos da Terra. Depois que Perséfone tornou-se Rainha do Mundo Inferior, as Sereias continuaram sendo as servas dessa rainha da morte e foram encarregadas de levar-lhe almas. Elas o faziam atraindo marinheiros com o poder arrebatador do seu canto, levando-os à destruição nas rochas que se ocultavam nas águas do seu recanto costeiro.

Seus três conjuntos de nomes relacionam-nas com as nove Musas. Conta uma lenda que elas desafiaram as Musas para uma competição de canto. As Musas venceram e tiraram as peças das asas das Sereias para fazerem para si coroas de vitória. Por isso as Sereias desde então tomaram a forma de mulheres-peixe ou mulheres marinhas, perdendo sua forma de pássaro e exilando-se nas margens de ilhas remotas. Nesse mito, podemos ver, num certo sentido, as duas facetas do ser levado pela intuição ou “nas asas da canção”. As Musas representam o aspecto positivo, gerador da vida que

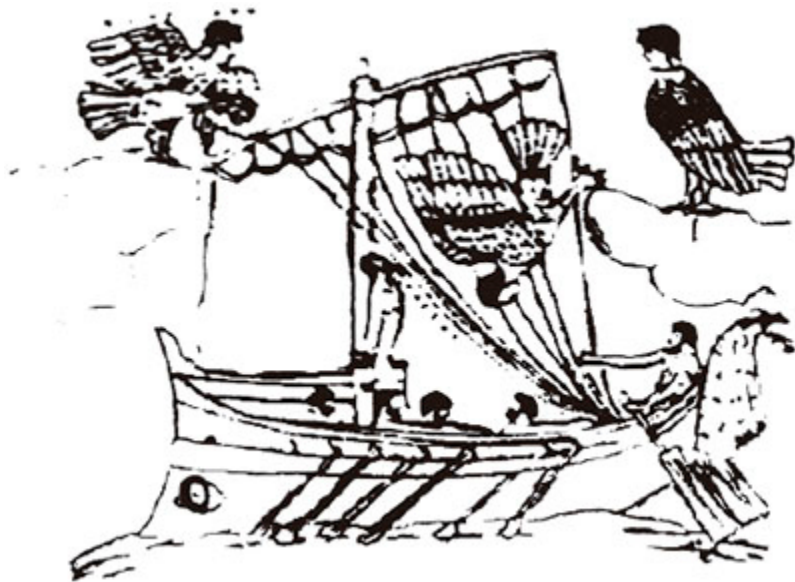
promove as energias criativas e a inspiração, enquanto as Sereias nos mostram o elemento autodestruidor negativo que pode se manifestar quando seguimos irrefletidamente intuições e inspirações. Isso nos parece familiar quando pensamos nos artistas e pessoas criativas que se destroem por darem ouvidos a essas vozes espectrais, deixando-se arrastar pelas Sereias que ainda habitam a nossa psique. Outros, contudo, são capazes de usar essa intuição de maneira mais positiva e, por vezes, uma torrente de energias criativas parece derramar-se deles. De certo modo, essas almas conseguem estabelecer, por meio das Musas, um relacionamento com a própria intuição.



Outra representação de uma sereia

O herói Odisseu [Ulisses] enganou as Sereias, ao retomar de Troia, com a ajuda da feiticeira Circe. Ela lhe disse que tapasse os ouvidos dos seus marinheiros com cera e se fizesse amarrar por eles ao mastro para poderem passar pela ilha das Sereias em segurança. Mais tarde, quando o navio dos

Argonautas passou pela ilha, elas tentaram outra vez exercer o poder enfeitiçador da sua voz e levar os marinheiros a saltarem para a destruição; dessa vez, contudo, Orfeu estava com eles e, tocando sua lira, passou a cantar. A beleza de sua voz se contrapôs à das Sereias e a venceu; a partir desse momento, elas perderam todo o seu poder e foram transformadas em rochas. Este último mito exhibe o triunfo masculino sobre as deusas tríplices primais mais antigas e a substituição destas pelo masculino.



Odiseu, amarrando ao mastro do navio, ouve o canto das Sereias

AS HARPIAS

A palavra *harpia* significa, literalmente, “arrebatedora”. As Harpias eram seres com corpo de pássaro e cabeça de mulher, sendo por vezes confundidas com as Sereias. No entanto, parecem estar mais relacionadas com o elemento aéreo e, por isso, são descritas como personificações dos ventos tempestuosos. Nas lendas primitivas, são vistas como deusas belas de vasta cabeleira, que voam mais velozes do que os ventos ou os pássaros. Em um período posterior da mitologia, porém, são retratadas como criaturas odiosas e repulsivas, com corpo alado e rosto de mulher velha, orelhas de

urso, garras aduncas e seios pendentes. As três Harpias são denominadas Aelo (“tormenta”), Celeno (“tenebrosa”) e Ocípete (“rápida no voo”).



Detalhe do monumento da Harpia (Museu Britânico)

Na lenda dos Argonautas, Jasão e seus companheiros, em busca do Velocino de Ouro, passaram pela Trácia, onde reinava Fineu. Dotado de poderes divinatórios, Fineu foi privado da visão pelos deuses para que pudesse prever o futuro com muita acuidade. Além disso, era atormentado pelas Harpias, monstros alados que lhe roubavam o alimento da mesa ou o estragavam com seus excrementos antes que ele pudesse ingeri-lo. Em troca da informação que lhes dera sobre como se apossar do Velocino de Ouro, Fineu pediu aos Argonautas que, primeiro, o livrassem das Harpias. Foi uma tarefa fácil para Calais e Zetes, companheiros de Jasão, que personificam o princípio heroico masculino. Sendo filhos do Vento Bóreas, os dois atacaram as Harpias, obrigando-as a levantar voo e retornar às profundezas da Terra, na ilha de Creta.

AS FILHAS DO DEUS-CÉU

Zeus, o deus-céu, foi o pai de três grupos de deusas tríplexes que tiveram por mãe deusas titãs. Seus rebentos foram as Graças, as Horas e as Musas, todas aspectos da deusa que operam na esfera da nossa consciência.

As Cárites ou Graças são as criadas de Afrodite; elas a vestem, a adornam e a tornam atraente e, nesse sentido, são passivas, refletindo a beleza existente e revelando-a em seu pleno esplendor. As Graças operam arquetipicamente em nós como forças que promovem impulsos dirigidos para a beleza e para a plenitude de expressão. Encontramo-las na nossa consciência sempre que tentamos fazer uma obra de arte a partir do nosso eu interior manifestando-o exteriormente no mundo.



Zeus

As Horas representam as Estações; são deusas do momento certo, a quem encontramos sempre que tentamos de modo consciente produzir alguma coisa no mundo por meio da inspiração e das energias interiores. Por vezes descobrimos que não estamos em harmonia com as Estações e que o momento não é propício para o surgimento, por nosso intermédio, dessa coisa. Costumam surgir dificuldades a partir da expressão fora de hora desse aspecto de nós; parecemos então remar contra a corrente. Contudo, parece não haver, num outro momento, uma tal oposição à expressão e, com efeito, até conseguimos ajuda de alguma fonte interior. Estamos no momento certo e, nesse sentido, as Horas estão conosco; estando em harmonia com elas, contamos com sua ajuda e apoio.

As Musas trabalham para nos inspirarem. Vivem constantemente sob as imagens fugidias e os pensamentos sempre inconstantes que formam o tecido da nossa consciência. Se estivermos atentos, se nos prepararmos e tivermos uma atitude interior positiva, as Musas colocarão constantemente

diante de nós ideias e imagens inspiradoras que podemos encadear e manejar criativamente por meio da nossa mente consciente. Por conseguinte, se cultivarmos uma relação com as nossas Musas interiores, poucas vezes nos faltará inspiração. Essa fonte e nascente interior da intuição e da inspiração pode nos impor com tamanha força o seu fundo criativo de ideias e de imagens que os artistas e pessoas criativas em geral muitas vezes se veem levados de roldão pela sua correnteza.

Essa triplicidade da faceta de jovem mulher da deusa, que trabalha na nossa consciência, mostra as Graças como passivas adornadoras, as Horas como mediadoras do momento certo para a fruição de uma ideia ou inspiração, enquanto as Musas são a faceta inspiradora ativa que se oculta sob os pensamentos e as imagens interiores conscientes.



O Reino de Zeus

Primeira fileira: Zeus, Melpômene e Tália.

Segunda fileira: Cilo, Calípede, Érato e Euterpe.

Terceira fileira: Terpsícure, Urânia, Polímnia, Apolo Musageta, Sacerdotisa Délfica e Poeta.

Quarta fileira: A Terra habitável e o Tempo, Homero sustentado pela Ilíada e pela Odisseia, os Gênios do Mito, da História, da Poesia, da Tragédia, da Comédia da Natureza, da Virtude, da Memória, da Fé e da Sabedoria.

AS HORAS

A palavra Hora significa “o momento certo”, indicando que esse trio de aspectos da deusa comanda outros ciclos. Assim, as Horas eram guardiãs da ordem natural, do ciclo anual de crescimento da vegetação e das estações, regendo ainda os ciclos do clima. De fato, a nossa palavra “hora” deriva dessa raiz grega.

Elas nasceram da união entre Zeus e Têmis. Foram as Moiras que levaram a Têmis (“ordem”) celestial a Zeus, no Monte Olimpo, para tornar-se a primeira esposa deste. Ela deu à luz as três Horas, às quais foi confiada a defesa dos Portões do Céu e do Olimpo. Essas três Estações receberam os nomes de Eunômia (“a ordem correta”), Dice (“Justiça”) e Irene (“paz”), sendo descritas como jovens donzelas de cabelos adoráveis, diademas de ouro e passos leves, trazendo nas mãos os produtos das várias estações – um ramo em flor, uma espiga de trigo e um ramo de videira. Costumavam ser associadas com as divindades vinculadas com o crescimento da vegetação. Por exemplo, são mostradas com frequência em procissão com Pã. As Horas também presidiram o nascimento de Dioniso, que ocorreu quando ele brotou da coxa de Zeus. Elas foram as primeiras a receber Afrodite renascida das ondas, vestindo-a com um manto. Hera contava com seus serviços de amas e criadas.



As três Moiras

Em Atenas, as Horas foram num certo momento concebidas como duas: Talo (“brotar”) e Carpo (“murchar”); elas refletiam as duas forças em ação nos ciclos da natureza. Mais tarde, tornaram-se as Quatro Estações e sob a influência alexandrina, foram vistas como filhas de Hélios e Selene, o Sol e a Lua. Depois passaram a ser representadas como doze entidades distintas, sendo vinculadas com as horas do dia. Todavia, sua primeira manifestação foi como uma deusa tríplice cujos atributos produziam a harmonia e a paz entre as energias primais polarizadas que impeliam os ciclos das estações. Seu domínio de influência também se estendia à alma humana, onde geravam uma harmonia semelhante entre as forças em conflito da psique humana.



Duas Horas

Dice, a qual, como o implica o seu nome, buscava encorajar uma relação justa entre as polaridades, ficou tão preocupada com a constante disposição guerreira da humanidade que mais tarde afastou-se da esfera humana. Foi viver nas montanhas à espera de um clima mais pacífico e justo nos assuntos da humanidade. Entretanto, com a passagem do tempo, as coisas parecem ter piorado. Por fim, Dice, perdendo as esperanças na humanidade, retirou-se da Terra e subiu aos céus, tornando-se a constelação de Virgem.



As Horas acompanhadas com Pã



AS CÁRITES OU GRAÇAS

As três Graças nasceram da união entre Zeus e Eurínome, filha de Oceano, uma das divindades primevas. Eram “as jubilosas”, as companheiras e aias sempre jovens de Afrodite. Delas emanava o deleite com a vida e a fruição da arte, da música e do amor. Seus nomes eram Tália (“a que traz flores”), Aglaia (“brilho e esplendor”) e Eufrosine (“júbilo e alegria”). Possuíam a graça dos movimentos, pois eram deusas da dança; dos modos, pois eram sempre gentis, charmosas e educadas; e da graça do amor. Elas cuidavam de Afrodite e a adornavam quando de suas incursões sedutoras, vestindo-a e arrumando-lhe os cabelos.

As Graças eram representadas com frequência como um grupo desnudo em que duas delas olham para o observador enquanto a outra volta-lhe as costas. O santuário de sua especial adoração, o Orcômeno, na Beócia, tinha três pedras que, segundo se dizia, haviam caído do céu como meteoritos ou aerólitos.

Um provérbio grego conta que a primeira taça de vinho num banquete pertencia às Graças; a segunda, à luxuriosa Afrodite; e a terceira era regida pela deusa Ate, a personificação da loucura, da cegueira moral, da ênfatuação, da discórdia e do conflito.



Representação arcaica das Três Moiras



As Cárites ou Graças
Entalhe de Gustave Doré

AS MUSAS

As deusas gregas da arte e da inspiração ainda têm relevância para nós hoje, pois nos vinculam com importantes arquétipos que ainda podem ser vivenciados por pessoas criativas que procuram no íntimo de sua própria alma a fonte da inspiração. As Musas foram o resultado da união entre Zeus e Mnemósine (“Memória”). Eles deitaram juntos por nove noites. Um ano depois, Mnemósine deu à luz nove filhas num lugar próximo do Monte Olimpo. Criou-as ali o caçador Croto, que depois da morte foi transportado, pelo céu, até a constelação de Sagitário. O coro das Musas tornou o seu lugar de nascimento um santuário e um local de dança especiais. Elas também frequentavam o Monte Hélicon, onde duas fontes, Aganipe e Hipocrene, tinham a virtude de conferir inspiração poética a quem bebesse de suas águas. Ao lado dessas fontes, as Musas faziam os graciosos movimentos de uma dança, com seus pés incansáveis, enquanto exibiam a harmonia de suas vozes cristalinas.

Os nomes e atributos dessas nove irmãs são: Clio (“a que confere fama”) era a Musa da História, sendo símbolos seus o clarim heroico e a clepsidra, um antigo relógio de água. Costumava ser apresentada com um pergaminho entreaberto ou com um baú de livros.

Euterpe (“a que dá júbilo”) presidia a Poesia Lírica, tendo por símbolo a flauta.

Tália (“a festiva”) era a Musa da Comédia e vestia a máscara cômica e ramos de hera. É mostrada por vezes portando um cajado de pastor.

Melpômene (“a cantora”) era a Musa da Tragédia; usava a máscara trágica e folhas de videira. Empunhava a maça de Hércules e era o oposto de Tália.

Terpsícore (“a que adora dançar”) era a Musa da Poesia Lírica e da Dança. Também regia o canto coral e portava a cítara ou lira.

Érato (“a que desperta o desejo”) era a Musa do verso erótico ou da Poesia Amorosa.

Polímnia (“muitos hinos”) era a Musa dos Hinos Sagrados e, mais tarde, da Arte Mímica e da Narração de Histórias. Costumava ser apresentada com um véu, numa atitude de meditação, com um dedo na boca.

Urânia (“celeste”) era a Musa da Astrologia, tendo por símbolos um globo celeste e um compasso.

Calíope (“bela voz”), a primeira entre as irmãs, era a Musa da Poesia Épica e da Eloquência. Seus símbolos eram a tabuleta e o buril.

As Musas eram representadas como jovens de rosto sorridente, grave ou pensativo, de acordo com sua função, com longos vestidos vaporosos cobertos por uma capa. Numa época anterior, foram adoradas em forma tríplice. No Monte Hélicon eram conhecidas, originalmente, como Mélete (“praticar”), Mnemeia (“lembrar”) e Aiodê (“cantar”). Havia também três Musas em Delfos e em Sícion – Nete, Mese e Hípate –, personificação das três cordas da lira.



As Musas: Imagens das Cartas do Tarô de Mantegna



Clio

Tália

Érato

Euterpe

Polímnia

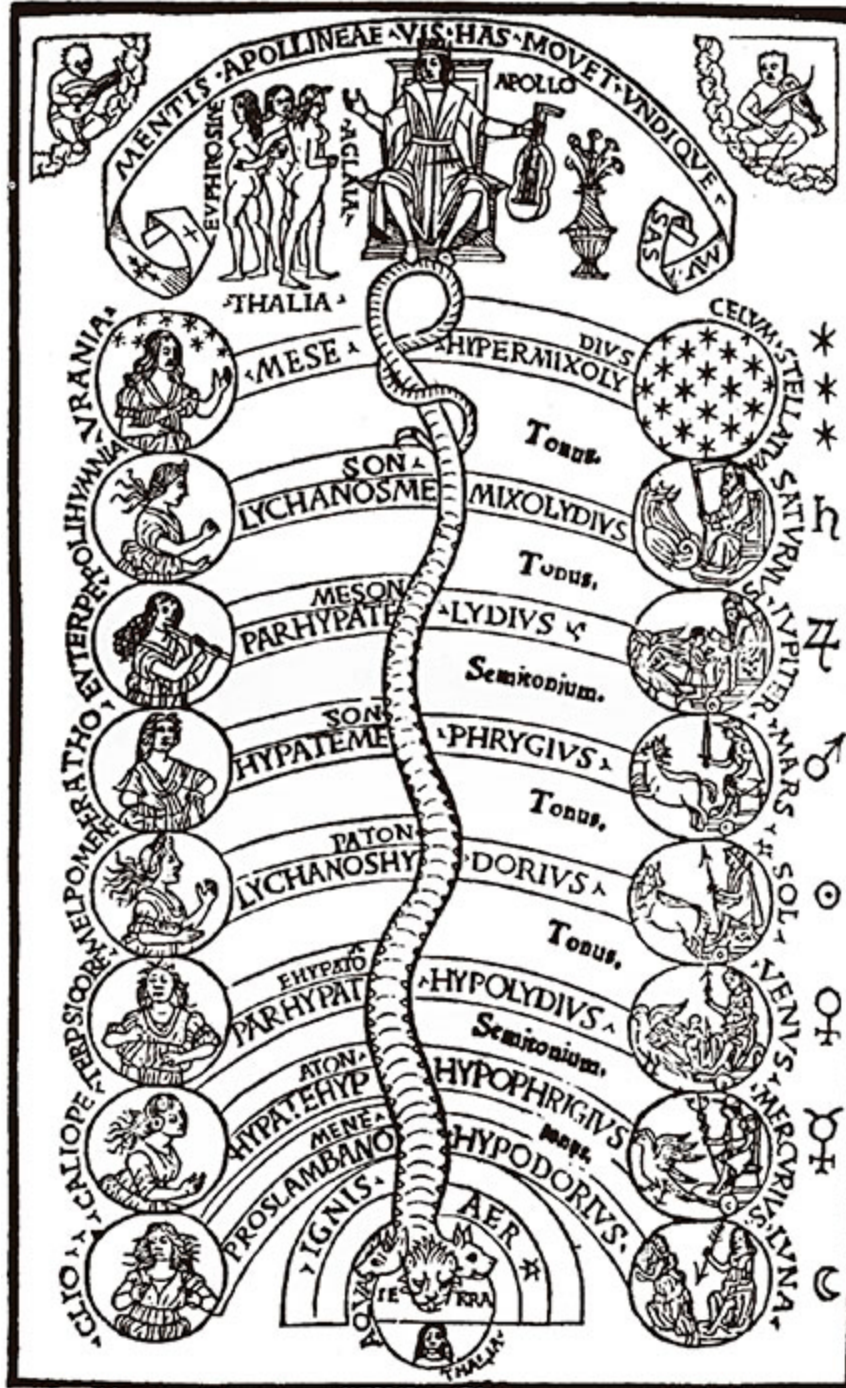
Calíope

Terpsícore

Urânia

Melpômene

As Musas



A Harmonia das Esferas: Entalhe renascentista que mostra as esferas planetárias, a ordem de sucessão dos tons musicais, a relação entre os tons musicais e as nove Musas

DEMÉTER E PERSÉFONE

O mito de Deméter e Perséfone, que constituía o cerne dos Mistérios Eleusinos, oferecia um paralelo entre a evolução interior da alma por meio do desenvolvimento cíclico e o ciclo exterior das estações. Os Mistérios estabeleceram um padrão na alma coletiva da humanidade ocidental, que mais tarde encontrou expressão no misticismo da natureza e que pode, na verdade, agir ainda hoje como inspiração para um dado caminho de desenvolvimento interior.

O mistério que serve de base ao mito de Deméter-Perséfone é ctônico e tem a ver com a nossa relação com as forças da Terra – as energias cíclicas que vêm da Terra, “o fuso verde que faz desabrochar a flor”, produzindo a germinação e o crescimento das plantas. Deméter foi antes “DeMeter”, isto é, a Mãe Terra que se manifesta no crescimento da vegetação no ciclo das estações. Ligava-se em especial com os grãos, como a deusa do milho.

Nesse Mistério, Deméter aparece como uma deusa tríplice que tem como facetas Deméter, Perséfone e Hécate; cada faceta se revela em diferentes estágios do ciclo. A faceta Deméter representa as forças vegetativas situadas acima do solo, as plantas maduras, os frutos crescidos da Terra. Seu aspecto de Hécate é visto nas sombrias forças ctônicas imanes que se agitam nas profundezas da Terra. Perséfone é o aspecto que serve de mediação a esses dois níveis e, por isso, deve pertencer a ambos os domínios. Ela é a semente a ser semeada, a portadora da energia arquetípica da vegetação.

O mito registra o desenvolvimento de um relacionamento dinâmico entre essas facetas. No início da história, há uma dualidade – a faceta que está acima do solo e o aspecto subterrâneo do Mundo Inferior desejam a posse

exclusiva da Kore, ou Criança, Perséfone. O lado masculino do Mundo Inferior, Hades, rapta Kore e, com esse ato, rouba-a de Deméter. O mito, que tem todos os elementos do drama, mostra que a solução desse dualismo conflituoso reside no desdobramento cíclico das três facetas da deusa tríplice. Esse caráter tríplice supera e cura a dualidade, mediando entre o reino acima da Terra e o reino do Mundo Inferior.

Podem-se vivenciar esses eventos míticos como exercícios espirituais que permitem aos seres humanos o desenvolvimento de uma relação saudável com o eu inconsciente. De fato, essa era a tarefa apresentada aos iniciados dos Mistérios de Elêusis na forma de uma sagrada representação ritual dramática. Hoje, a maioria tem um relacionamento dual com a divisão consciente/inconsciente do nosso ser. O eu, a semente do nosso ser, encontra-se na linha de frente da nossa consciência ou mergulhada num sono profundo na esfera do inconsciente. O dualismo surge da luta interior entre cada faceta pela posse do eu. Todos nós, com efeito, conhecemos bem isso por meio do ciclo do adormecer-despertar. Se trabalhássemos no espírito do mito de Deméter-Perséfone, num certo sentido como iniciados eleusinos, teríamos do nosso ser uma vivência em que não há a polarização consciente/inconsciente, nem mundo superior/mundo inferior, mas como uma planta que cresce no limiar desses dois reinos e lhes serve de mediação, permitindo o fluxo de baixo para cima e de cima para baixo, que é a base de um relacionamento.



Deméter de Cnido

Faremos agora uma sinopse desse mito, que é mais bem apresentado no *Hino Homérico a Deméter*.

Certo dia, Perséfone folgava nas campinas de Nisa com as filhas de Oceano. Estava na companhia de Atena e de Ártemis, mas sua mãe, Deméter, não estava com elas. Perséfone foi atraída por um magnífico narciso. Enquanto o contemplava, o solo se abriu a seus pés e Hades, o deus do Mundo Inferior, apareceu em sua carruagem, tomou-a nos braços e a levou para ser sua noiva. De muito longe, Deméter ouviu os queixosos gritos da donzela. Uma profunda melancolia tomou conta do seu coração e ela, jogando sobre os ombros um véu sombrio, voou como ave sobre mares e terras procurando a sua Kore, a sua filha. Por nove dias e noites procurou-a pelo mundo com tochas na mão, mas nenhuma coisa viva pôde lhe dizer o que sucedera com Perséfone. Por fim, Deméter buscou o conselho de Hécate, que também se apercebera do rapto. Esta sugeriu que consultassem

o deus-sol, Hélios, que tudo vê. Hélios lhes disse que Hades raptara a filha de Perséfone, tendo recebido para isso a permissão do próprio Zeus.



Deméter, Perséfone e Triptólemo

Irada, Deméter saiu do Olimpo e buscou refúgio no mundo humano. Disfarçada de anciã, terminou por chegar à cidade de Elêusis, assentando-se ao lado do Poço da Virgem, imersa em sua tristeza. Foi encontrada ali por Céleo, filha do rei de Elêusis; esta, sem reconhecê-la como uma deusa, a convidou para a sua casa. Ela foi recebida pela rainha de Elêusis, Metaneira, que a encarregou da guarda do filho, Demófon, herdeiro do trono. A deusa decidiu torná-lo imortal e o untou com ambrosia; toda noite, passava-o pelas chamas, para queimar-lhe a natureza mortal. Certa noite, Metaneira, embora contente com o tratamento que Deméter dava ao seu filho, observou-a a cumprir suas funções de ama. A rainha ficou chocada por ver o filho nas chamas e gritou, interrompendo o processo realizado por Deméter. Esta revelou à rainha a sua real natureza e a recriminou, dizendo

que teria tornado Demófon eternamente jovem, mas que agora ele deveria permanecer mortal. Ela pediu que Metaneira e o seu povo erigissem em Elêusis um grande templo em sua honra. Em troca, ensinaria à rainha ritos sagrados para que, no futuro, o povo de Elêusis pudesse render-lhe culto a fim de confortar-lhe a alma pela perda de sua filha.

O templo foi erguido e, durante um ano, Deméter sentou-se, em luto pela sua filha, nos seus precintos. Afastada do reino dos deuses, ela também drenou as energias da Terra. Foi um ano terrível o que ela impôs à Terra que a tudo nutre, porque, na ausência das energias desta, nada podia crescer, nenhuma semente podia brotar e o gado arava a terra em vão. Ela teria destruído toda a humanidade pela fome; e como os deuses teriam deixado de receber sacrifícios ou cultos, Zeus concluiu que deveria fazer alguma coisa diante daquilo tudo. Enviou a bela Íris com uma mensagem ao templo. Esta ali encontrou Deméter, coberta de luto e insensível a todo apelo. Um por um, os deuses e as deusas foram ter com ela, que se manteve inflexível, sem lhes dar ouvidos. Ela não pisaria no palácio do Olimpo, nem a Terra daria frutos, até voltar a estar com a filha.

Percebendo a extrema gravidade da questão, Zeus enviou Hermes às trevas do Mundo Inferior para tentar persuadir Hades a entregar a sua rainha recém-encontrada. Hades terminou por concordar em deixar que Perséfone retornasse ao Mundo Superior, mas a enganou em segredo, pondo-lhe na boca uma semente de romã. Tendo comido dos frutos do Mundo Inferior, Perséfone deveria necessariamente retornar àquele tenebroso reino. Hermes levou-a de volta ao mundo superior em seu carro, e ela voltou à companhia da mãe. (Outra versão do mito conta que foram as Moiras, as Horas e as Cárites, formando um coro de nove dançarinas, que tiraram Perséfone do Mundo Inferior.) Deméter perguntou-lhe imediatamente se ela tinha comido algum alimento da terra de Hades. Quando ela lhe contou sobre a semente de romã que Hades lhe pusera secretamente na boca, Deméter percebeu que só poderia ficar com a filha durante dois terços do ano, devendo esta passar o outro terço com Hades, no Mundo Inferior. Ela aceitou essa condição como inevitável e permitiu o

retorno do fluxo de energia à Terra, deixando que o milho crescesse e amadurecesse e que a Terra fosse fértil. Por fim, antes de voltar para o Olimpo, Deméter ensinou à rainha de Elêusis os segredos da sua ciência divina e a iniciou nos Mistérios.

Há algumas facetas tríplices nesse mito que esclarecem o sentido da história. Examinemos em primeiro lugar as três deusas da cena de abertura, que se divertiam nas campinas de Nisa: Atena, Ártemis e Perséfone – três deusas-irgens. São o aspecto virginal da deusa redividido (já observamos que as deusas tríplices podem dividir suas três facetas em três aspectos cada uma, formando assim um grupo de nove).

A natureza das três facetas é complementar; embora todas tenham o aspecto de virgem, há inúmeras diferenças.

No caso de Atena, pode-se ver a virgindade como derivada de sua natureza de virago, da incorporação do masculino que há no seu interior. Atena não precisa de contato com o masculino. Ela personifica o lado de sabedoria da deusa.

A virgindade de Ártemis é um tanto diferente. Ela é a virgem selvagem da caça, a imersão feminina nas forças irrestritas da natureza selvagem. Somente mantendo-se distante do contato com o masculino pode Ártemis permanecer independente. Se fosse controlada, domada, perderia a exuberância selvagem que constitui a própria essência do seu ser. Sua virgindade é um aspecto essencial seu e ela a defende implacavelmente como a fonte do seu espírito independente. A Ártemis grega a que nos referimos deve ser diferenciada da Ártemis de Éfeso, a “Grande Diana dos Efésios”, que foi a grande Mãe-Deusa dos gregos jônicos. A alma grega de épocas patriarcais posteriores ficou insatisfeita com o arquétipo feminino independente de Ártemis e encorajou a imposição que lhe foi feita da faceta de Ártemis de Éfeso-Mãe. Por isso, surge em muitos mitos uma confusão sobre a natureza dessa deusa; mas no mito primevo de Deméter-Perséfone, lidamos somente com o arquétipo da Ártemis original.

A virgindade de Perséfone tem também outro caráter: é a virgindade da inocência. É o que se percebe quando imaginamos Perséfone brincando nos

campos de Niva, fascinada pelo reino vegetal. Enquanto ela, inocente, contempla jacintos, Hades sai da Terra e a leva para o seu reino a fim de fazer dela a Rainha do Mundo Inferior. Deméter lamenta-se pela perda da filha perdida, Kore, a faceta de si mesma que se perdeu. Ela descobre por Hécate que a sua Kore fora levada. Vemos aqui que o mito revela as três facetas da deusa tríplice: Deméter-Perséfone-Hécate. Deméter é a deusa da expressão das forças naturais, que se expandem exteriormente sobre a superfície da Terra, a deusa do milho nascido. Hécate é a deusa tríplice do Mundo Inferior, a guardiã feminina das forças subterrâneas. Na mitologia grega e em comentadores ulteriores, Hécate costuma ser apresentada como uma bruxa assombrosa, a personificação dos horrores do Inferno. Mas há um lado mais luminoso da sua natureza, com o qual os gregos se relacionavam, que tem a ver com seu papel de guardiã do Mundo Inferior. Ela é a única, entre os deuses e as deusas, que recebeu de Zeus poder sobre os três reinos – o Céu, o Mar e a Terra. Por ter esse lado mais luminoso e ser filha dos Titãs, ela não é totalmente entregue às forças do Mundo Inferior, não podendo ser considerada por Hades como Rainha do Mundo Inferior. Ela é, em vez disso, uma mediadora, uma deusa-lua arquetípica. Dentre as três facetas aqui mencionadas, ela é a única que pode se movimentar entre as trevas e a luz.



Deméter (pintura romana)

Assim, Hécate desempenha um importante papel no drama sagrado, revelando a Deméter o paradeiro de Perséfone. (É interessante o fato de o autor da história introduzir aqui o número nove – Deméter procura por Perséfone durante nove dias antes de encontrar Hécate.) Na conclusão do mito, Hécate fica encarregada de proteger Perséfone durante a permanência desta no Mundo Inferior. Assim, Perséfone vive parte de sua vida unida à faceta Deméter e outra parte em contato com o aspecto de Hécate, tornando-se assim mediadora entre o mundo superior banhado por inteiro pela luz e o sombrio mundo inferior.

Como indiquei antes, esse mito contém uma complexa série interligada de manifestações tríplexes da deusa. Outro trio para o qual eu gostaria de chamar a atenção do leitor é o formado por Ártemis, Perséfone e Hécate. Ártemis e Hécate costumavam ser vistas como manifestações da mesma deusa. Alguns intérpretes chegam a se referir a essa figura como Ártemis-Hécate, associação resultante do fato de haver entre elas muitos pontos de

contato, sendo ambas deusas de locais selvagens, “agindo a distância sobre a humanidade”, guardiãs dos caminhos e passagens e associadas com o cão.

O mito de Deméter-Perséfone é um dos mais arquetípicos. e duvido que não o encontremos, de algum modo, nas tradições espirituais de todos os povos da Terra. Como vimos, trata-se de um mito que nos apresenta a relação entre as forças da Natureza e, portanto, surge necessariamente na alma de quem se relaciona com as forças do mundo natural. Todas as sociedades deram com esse arquétipo em suas primeiras fases agrícolas. Num certo sentido, ele está presente em todo o paganismo – “pagão” significa, no sentido romano, “pessoa do campo” – e os costumes folclóricos europeus da época medieval exprimem, como se pode ver com bastante clareza, esses arquétipos. A feitiçaria medieval tem muitas probabilidades de ter sido uma forma ingênua de celebração de mistérios pagãos dessa espécie, em vez de uma “conspiração espiritual” contra a Igreja organizada, que quase a destruiu por inteiro. No período da caça às bruxas, projetou-se a figura de Hécate nas mulheres que participavam desses simplórios costumes rurais, enquanto os homens tiveram projetado sobre si o arquétipo de Pã, tomado como uma espécie de figura “demoníaca”. Assim, a sociedade patriarcal da Igreja sentiu-se com pleno direito e, na verdade, contando com a aquiescência do Deus Pai, para perseguir e destruir tudo o que via, por meio de suas próprias projeções, como figuras do mal. Talvez o que a Igreja temesse de modo mais particular nesses resquícios dos mistérios de Deméter-Perséfone-Hécate fosse a deusa tríplice, que ameaçava a sua visão de mundo dualista.



Deméter e Perséfone



Hades e Perséfone como Rei e Rainha do Mundo Inferior



Deméter e Perséfone

HÉCATE

Hécate é um arquétipo que tem sido incompreendido há milênios. Trata-se de uma deusa lunar tríplice vinculada com o aspecto sombrio do disco lunar. Como mostrei antes, o desenvolvimento, no período clássico ulterior, da sociedade patriarcal deu origem a uma visão dualista das forças espirituais que lutavam entre si. Hécate era um alvo privilegiado de transformação numa figura do mal, e, lamentavelmente, essa mácula de mal misterioso, de horror e de negatividade demoníacos ainda está apegada a esse arquétipo. Essa percepção da figura de Hécate foi particularmente consolidada na psique ocidental durante o período medieval, quando a Igreja organizada projetou esse arquétipo em simplórias pessoas pagãs do campo que seguiam seus antigos costumes e habilidades populares ligados com a fertilidade. Viram-se essas pessoas como malévolos adoradores do “demônio”, bandos de bruxas dirigidos por horríveis vígaros, praticantes de ritos e cerimônias abomináveis nos ermos do campo. Hécate parecia-lhes, pois, uma deusa das bruxas, padroeira do aspecto virago, mas é impossível ter uma imagem clara da sua natureza devido às projeções distorcidas, aos medos íntimos e inseguranças espirituais de sacerdotes e confesores “cristãos” obsedados.



Representação pictórica arcaica da Deusa Hécate



Hécate combatendo os Gigantes

Em épocas primevas, antes de esse patriarcado ter se estabelecido, é mais fácil descobrir a essência interior do arquétipo de Hécate e relacionar-se com ele. Hécate está vinculada com as trevas e com o lado escuro da Lua. A Lua, na verdade, não tem luz própria; é um astro escuro. A luz que vem da Lua é luz solar refletida. Logo, a Lua Cheia é a Lua vista pela luz do Sol; a Lua Nova negra é, num certo sentido, a verdadeira face da Lua. Hécate costuma ser considerada uma parte de uma deusa lunar tríplice – Ártemis (a Lua Cheia), Selene (a Lua em várias fases), Hécate (o lado negro da Lua Nova) – ou como as forças da Lua em vários reinos; Selene no Céu, Ártemis na Terra e Hécate no Mundo Inferior. Curiosamente, Ártemis é a irmã de Apelo, o que a liga diretamente com as forças solares. É frequente a consideração de Ártemis e de Hécate como facetas complementares sendo muito comum, em épocas ulteriores, a confusão entre elas.

Hécate é uma antiga deusa de um estrato pré-grego de mitos. Os gregos tiveram dificuldade para enquadrá-la em seu esquema de deuses, mas terminaram por vê-la como filha dos titãs Perses e Astéria e, portanto, como prima de Ártemis. Outras tradições tomaram-na por uma deusa ainda mais primal, fazendo dela irmã de Erebo e de Nix. Zeus deu-lhe um lugar especial entre os deuses porque, embora ela não fosse membro do grupo olímpico, permitiu-lhe o domínio sobre o Céu, a Terra e o Mundo Inferior; ela é, pois, a doadora da riqueza e de todas as bênçãos da vida cotidiana. Na esfera humana, cabia-lhe presidir os três grandes mistérios do nascimento, da vida e da morte. Seu nome significa “a distante, ou remota”, sendo ela vista como protetora dos lugares remotos, guardiã das estradas e dos caminhos; seu aspecto tríplice tornava-a especialmente presente nos pontos de convergência de três caminhos. Nesses locais, os gregos podiam encontrar-se com facilidade com Hécate, razão por que consideravam-nos sagrados, erigindo aí com frequência estátuas tricéfalas chamadas Hecateias. Também deixavam oferendas do seu alimento ritual, o “almoço de Hécate”, nessas encruzilhadas durante seus festivais especiais.



O templo de Hécate, em Marienbad

Hécate trazia simbolicamente a natureza tríplice da deusa, visto ser representada quase sempre com três cabeças (mais tarde, foi descrita muitas vezes como Cão, Serpente e Leão) e seis braços que portavam tachas. Seus três símbolos sagrados são a Chave, por ser ela carcereira do Mundo Inferior; o Chicote, que revela o seu lado punitivo e o seu papel de condutora de almas no Mundo Inferior; e o Punhal, símbolo do seu poder ritual, que mais tarde tornou-se o Atame das “bruxas”.

No Mundo Inferior, Hécate é a carcereira e condutora das almas, a Pritânia, a “Rainha Invisível” dos Mortos. Tendo passado por Cérbero, o cão tricéfalo, e tendo sido julgadas pelos três Juízes dos Mortos – Minas, Radamando e Éaco –, as almas devem chegar às encruzilhadas tríplices do Inferno. Nesse ponto, Hécate as envia ao reino para o qual foram julgadas adequadas: para as campinas do Asfódelo, para o Tártaro ou para os Campos Elíseos.

Hécate é uma deusa-lua tríplice vinculada com o feminino independente do masculino. A invocação de Ártemis e de Hécate nos nascimentos tem o sentido de pedir a sua ajuda num mistério exclusivamente feminino. A deusa tríplice ligada ao outro lado da natureza da Lua, a faceta Hera, é guardiã da relação entre a mulher e o homem. Assim, Hera é a defensora ciumenta da fidelidade marital, a protetora dos votos do casamento; é a deusa do parto, não como um ritual feminino, mas como o resultado da união homem-mulher na sua relação com a preservação e a integridade do sangue e da herança.

O arquétipo de Ártemis-Hécate era antes temido pelos patriarcas, visto que, caso fosse seguido pelas mulheres, poderia levá-las a desenvolver um sentido de independência diante do masculino. Por isso, o culto de Hera, sob a proteção de Zeus, tornou-se muito importante em épocas clássicas posteriores.

Hoje podemos nos relacionar com Hécate como uma figura guardiã do nosso inconsciente, que tem nas mãos a chave dos reinos sombrios que há dentro de nós e que traz as tochas para iluminar o nosso caminho rumo às profundezas do nosso ser interior. Nossa civilização patriarcal talvez nos tenha ensinado a temer a figura dessa bruxa terrível, mas se confiarmos em suas energias antigas, encontraremos nela uma gentil guardiã. Ela está presente em todas as encruzilhadas tríplices que existem em todos os níveis do nosso ser, manifestando-se como espírito, alma e corpo. Devemos reconhecer que a imagem terrível, tenebrosa e horrenda de Hécate é um mero registro do medo inconsciente do feminino que os homens, imersos num patriarcado unilateral, projetaram ao longo de milênios nesse arquétipo.

Temos de visitar o nosso lado sombrio inconsciente, e chegar a um acordo com ele, porque, se evitarmos esse reino, criamos uma polaridade e terminamos por desenvolver uma visão de mundo dualista. Temos de encarar a nossa Hécate interior, estabelecer uma relação com ela – na qualidade de guardiã da nossa consciência, do nosso lado sombrio – e, confiando na sua assistência, permitir a nós mesmos o desenvolvimento de

uma percepção desse rico reino do nosso Mundo Inferior pessoal. Somente por meio dessa atitude podemos nos tornar seres integrados, capazes de lidar com as polaridades sem projetar de imediato os dualismos do “bom” e do “ruim” nos eventos e nas pessoas.



Representação da Deusa Hécate

HERA

Hera tem uma natureza de deusa tríplice que podemos tomar como complementar à de Hécate-Ártemis. Se examinarmos a mitologia da figura de Hera, podemos ver com muita clareza esse seu caráter tríplice.

Hera era filha de Cronos e Reia, a grande mãe-deusa titã, e foi criada na Arcádia. Teve como amas as Horas, ou as três Estações. Zeus desejou-a, mas Hera resistiu às investidas apaixonadas do irmão. Contudo, foi enganada pelo diabólico Zeus, que apareceu a ela na forma de um cuco, enregelado pelos rigores do inverno. Hera, no papel de protetora, sentiu compaixão e aqueceu o pequeno cuco no peito. Zeus, mudando outra vez para sua forma original, aproveitou-se dessa proximidade. Hera viu-se forçada a submeter-se às suas investidas, mas só se curvou depois de extrair dele uma promessa de casamento. Nas suas bodas, a Mãe Terra, Gaia, deu a Hera de presente a Árvore das Maçãs Douradas da Imortalidade, guardada desde então pelas três Hespérides no jardim de Hera. Isso mostra um caráter tríplice adicional vinculado com Hera.

Hera tornou-se a deusa do Olimpo celestial e era representada como tal em muitas estátuas; a mais famosa talvez seja a de Policleto no *Heraeum* de Argos. Trata-se de uma estátua colossal, em ouro e marfim, que representa a deusa em seu trono, com a coroa adornada por figuras das Graças e das Estações, com uma romã numa das mãos, tendo na outra um cetro com um cuco no topo. Ela muitas vezes era apresentada com o seu pássaro sagrado, o pavão.



A imagem de Hera na representação de Bernardo Ludovisi

Hera estabelece o arquétipo da relação homem-mulher numa sociedade patriarcal, como esposa e companheira ideal. Assim, é uma deusa do casamento (Gamélia), da maternidade e da fidelidade, guardiã ciumenta dos votos do matrimônio e da hereditariedade. Durante o período patriarcal, Hera foi elevada a esse papel como protetora da esposa ideal, mas podemos entrever aí as marcas da sua forma anterior de deusa tríplice.

Numa época precedente, ela era a deusa tríplice dos três estágios da vida da mulher. Havia três templos dedicados a Hera no Estínfalo em suas formas de Hera-Pais (deusa criança), Hera-Télia (deusa noiva) e Hera-Quera (deusa viúva). Suas tríplices facetas são reveladas em seus vários nomes. Primeiro, ela era a criança, Partênia, a faceta virgem da deusa, também denominada Anteia, a “florescente”. Tornou-se em seguida Teleia, a “realizada”; a faceta de Mãe e, depois, foi chamada de Ninfomene, “a que procura um parceiro”. Em sua representação do estágio final da vida da

mulher, ela se tornou Téria, “velha ou anciã”, aspecto no qual a mulher renascia interiormente para a sua faceta de sabedoria.

As três facetas de Hera ligam-na às três Estações e às três fases da Lua. Em sua mais remota presença no mito, ela é associada com a vaca, o que revela o seu vínculo com a fecundidade e com o nascimento, que os gregos associavam de maneira especial com esse animal. Hera renovava anualmente a sua virgindade banhando-se na fonte Cànata, perto de Argos, local consagrado especialmente a ela. Assim, vemos que ela traz em si o arquétipo da eterna renovação, semelhante ao ciclo da própria Lua por suas fases. Com esse ato, ela une o ciclo lunar, o ciclo menstrual e o ciclo anual da vegetação.

Devemos dar particular atenção à polaridade entre esse arquétipo feminino, Hera – a faceta exterior da vida da mulher, o lado urânico, consciente, pleno de luz – e a faceta Ártemis-Hécate, que tem mais a ver com a independência interior, com a relação com o inconsciente, com as trevas ctônicas que existem no nosso ser.

O JULGAMENTO DE PÁRIS

Trata-se de um importante mito do ciclo grego, visto mostrar a loucura do homem ao se relacionar com uma única faceta da deusa tríplice ou ao colocar uma das facetas acima das outras. O mito começa com um impulso da deusa Éris (“discórdia”), que não foi convidada para o casamento do mortal Peleu com a deusa do mar, Tétis. Éris, fazendo jus ao seu caráter, decidiu semear a discórdia, tendo enviado ao banquete dos deuses uma maçã de ouro como prêmio para a mais graciosa e bela deusa. Hera, Atena e Afrodite reivindicaram o prêmio para si e Zeus foi chamado para arbitrar e julgar. Ele se recusou, porque, sendo uma entidade espiritual, sabia que não pode haver uma hierarquia no âmbito da deusa tríplice; as três facetas são complementares, e nenhuma tem ascendência espiritual sobre a outra. Zeus decidiu levar a decisão para a esfera humana, de certo modo para testar a maturidade da humanidade. Uma versão diz que, naquele momento, Zeus estava cansado da humanidade e desejava criar dificuldades na esfera humana. Assim, ordenou que a decisão fosse tomada por um homem; e Páris, um nobre de nascimento, homem de belas formas e detentor de sabedoria, foi eleito juiz.

Hermes levou as três deusas diante de Páris e lhe pediu que escolhesse a mais graciosa. De início, Páris teve a sabedoria de se recusar a fazê-lo, dizendo que, como mortal, não podia fazer essa escolha e que preferia dividir a maçã em partes iguais entre as três deusas. Mas Hermes insistiu, dizendo que, se não escolhesse uma como a melhor delas, Páris provocaria a ira de Zeus. Páris ainda hesitou, preocupado com essa responsabilidade, mas quando as deusas concordaram em aceitar a sua decisão, qualquer que

fosse, ele cedeu. Páris pediu que as três tirassem o véu e se apresentassem a ele seminuas.

Hera apresentou-se primeiro, exibindo-se diante dele e tentando suborná-lo oferecendo-se para fazer dele o Senhor da Ásia e o homem mais rico do mundo caso ele a escolhesse.

Veio em seguida Atena, que buscou suborná-lo com a promessa de vitória em todas as batalhas e de fazer dele o homem mais sábio do mundo.

Afrodite foi a última, mas conhecia o seu poder sobre os homens; em sua esplêndida nudez, passou a flertar com ele. Páris sentiu-se realmente afetado pela sua proximidade e com as suas investidas; e quando ela lhe prometeu, como forma de suborno, dar-lhe como amante Helena de Esparta, uma mortal tão bela e passional quanto ela mesma, Páris não conseguiu recusar e deu a maçã a Afrodite.

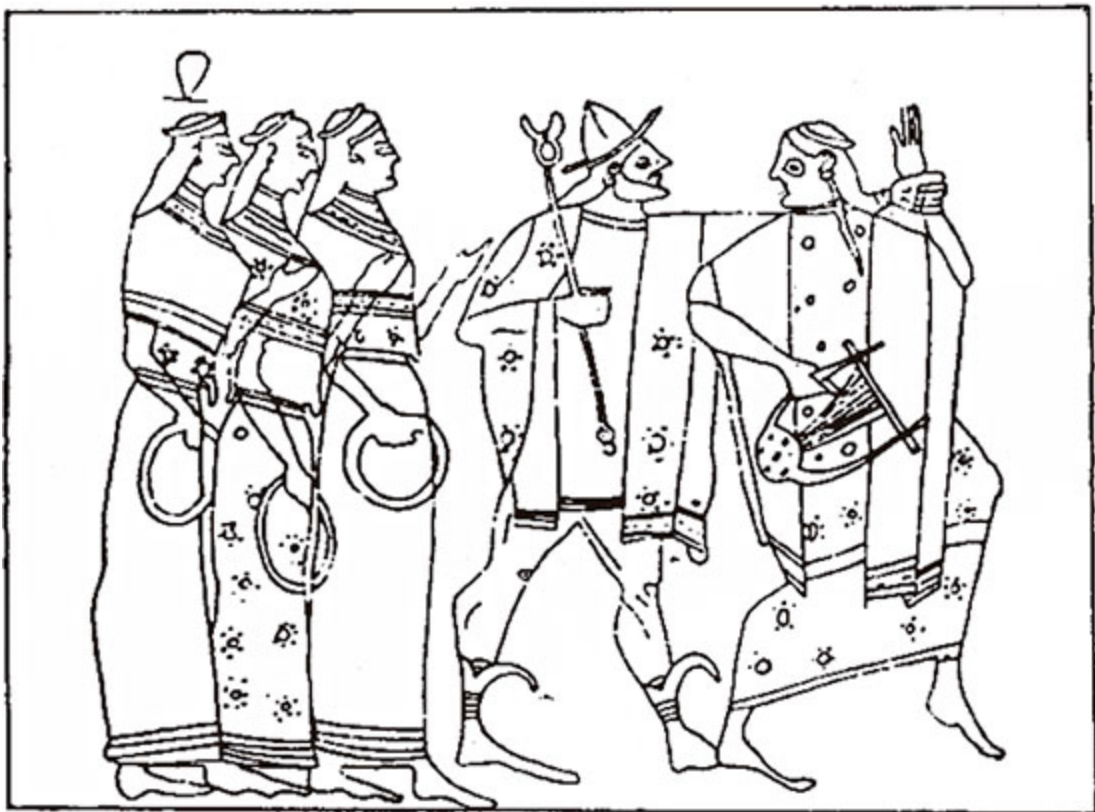
O orgulho das duas outras facetas, Hera e Atena, ficou profundamente ferido com essa decisão e elas resolveram conspirar para a derrubada do jovem. Assim começaram os eventos que levaram à Guerra de Troia.

O mito do Julgamento de Páris tem importância por conter em seu cerne um dos problemas centrais do relacionamento entre os sexos humanos. Como me esforcei por mostrar neste livro, o arquétipo interior do feminino é tríplice; deve ser evidente que um relacionamento unidimensional com uma única faceta da deusa tem de levar a dificuldades e conflitos interiores. Páris, como representante da humanidade, julga que a atraente faceta Afrodite da mulher é a principal. Ele põe sua atração sexual pelas mulheres antes de tudo, desvalorizando a faceta Atena de sabedoria e a faceta Mãe de Hera. Isso provoca uma polarização e uma batalha entre gregos e troianos pela posse da mulher mais bela da Terra. Vemos assim que uma redução da feminilidade arquetípica a uma única dimensão de atração sexual produz polarização na esfera masculina; por fim, dois grupos rivais polarizados lutam pela posse do feminino. Podemos reconhecer que o Julgamento de Páris marcou o impulso inicial do patriarcado e a discórdia e polarização que este trouxe para as relações sociais.

Por meio do Julgamento de Páris, que ainda hoje ocorre em nossa alma, uma faceta do feminino é elevada a uma posição superior e as outras duas são degradadas. Desse modo, os homens com frequência negam a si mesmos uma experiência verdadeira e completa do feminino, e as mulheres são forçadas a trabalhar com uma única corrente da alma humana. Elas são encorajadas a se deixarem atrair mais pelo desenvolvimento de sua faceta Afrodite, muitas vezes negando e reprimindo os aspectos de outro modo complementares de sua natureza. Isso pode levar a grandes distorções, à não realização do potencial e à infelicidade pessoal, tanto para as mulheres como para os homens, na nossa sociedade. Não devemos ver o Julgamento de Páris como um mero mito grego interessante, mas sim como um evento que ocorre em nossos dias na alma dos homens e das mulheres. Como os artistas são sensíveis aos arquétipos de sua própria alma e da alma da humanidade, refletindo-os, não causa surpresa o fato de o Julgamento de Páris ser um dos temas mais populares da pintura renascentista.



O Julgamento de Páris



EXEMPLOS ADICIONAIS DE DEUSAS TRÍPLICES DE VÁRIAS TRADIÇÕES

AS TRIAS

As Trias eram uma tríade de deusas que formava uma Tríplice Musa da Adivinhação em Delfos. Elas ensinaram Hermes a prever o futuro mediante a contemplação da dança de pedregulhos num recipiente com água. Eram deusas vinculadas com o período primevo do Oráculo de Delfos, época em que este era presidido por uma Pítia ou sacerdotisa da adivinhação. Isso ocorreu bem antes de esse centro sagrado ter passado ao controle patriarcal e ter sido rededicado a Apolo. Elas estavam ligadas a um centro misterioso chamado Caverna Corícida, bem no alto do Monte Parnasso; pensa-se hoje ser esse o local do período matriarcal do Oráculo de Delfos, que foi transferido para o seu lugar mais conhecido em Delfos, no sopé do Monte Parnasso, em algum momento do século VIII a.C. As Três Irmãs chamavam-se Corícia, Dafne e Tuia em certas histórias. Como manifestações da deusa tríplice, praticavam uma arte mântica de previsão do futuro por meio da entrada em algum estado semelhante ao sonho. Vinculavam-se em particular com a abelha e exigiam oferendas de mel antes de realizar adivinhações.

AS AGLÁURIDAS

As Aglauridas são um antigo trio de deusas-terra adoradas pelos povos pré-helênicos da Ática. Regiam a área que circunda Atenas bem antes de a Atena grega ter tido preeminência. Há um interessante conjunto de histórias que registram em forma mítica a passagem do poder espiritual dessa antiga deusa tríplice para a Atena em ascensão. As Aglauridas, três irmãs, eram filhas de Cécrope. Chamavam-se Aglauro, Herse e Pândroso, nomes que mostram serem elas deusas do orvalho fertilizador. Atena confiou-lhes uma caixa, ordenando-lhes que a guardassem, mas não a abrissem. A curiosidade das irmãs venceu o seu melhor julgamento e elas, abrindo um pouco a caixa apenas para baterem os olhos no seu conteúdo, libertaram uma terrível serpente chamada Erictônio (“nascida da terra”). Isso provocou a queda das Aglauridas. Em algumas histórias, elas morrem. Em outras, foram obrigadas a servir Atena incondicionalmente e a dar fertilidade aos campos. Foram forçadas a desistir de todo o poder que porventura tinham sobre o destino das pessoas e ficaram restritas a serem deusas da terra.

AL-LAT, AL-UZZA E MENAT

Bem antes do surgimento do austero sistema patriarcal do Islã, os povos árabes adoravam essa trindade de deusas do deserto, facetas de uma mesma deusa. Al-Uzza (“a poderosa”) representava a faceta da Virgem guerreira; era uma deusa do deserto vinculada com a estrela da manhã e tinha um santuário num bosque de acácias ao sul de Meca, onde era adorada na forma de uma pedra sagrada. Al-Lat, cujo nome significa apenas “deusa”, era a faceta Mãe, ligada à Terra e a seus frutos, regendo a fecundidade. Era adorada em At Ta’if, perto de Meca, na forma de um grande bloco bruto de granito branco. Menat, a faceta de velha da deusa, regia o destino e a morte. Seu santuário localizava-se na estrada entre Meca e Medina, onde era adorada na forma de uma pedra negra bruta. Maomé, em sua luta para estabelecer uma religião dominada pelos homens, perseguiu os adoradores da deusa e destruiu seus santuários. Curiosamente, parece que Maomé,

encontrando dificuldades para vencer o culto das pedras sagradas da deusa, substituiu esse costume ritual por um rito da sua própria religião, tal como o fez a Igreja cristã na Europa com incômodos costumes pagãos antigos. Ele instituiu o culto da Pedra Sagrada do Islã, a Kaaba, em Meca.

GULLVEIG, HEIDER E ANGERBODA

A mitologia nórdica foi registrada por escrito tardiamente, bem depois de o elemento masculino ter dominado os seus mitos; em consequência, é difícil encontrar exemplos claros da deusa tríplice. Creio, contudo, que temos nas figuras de Gullveig, Heider e Angerboda o registro da deusa tríplice de um estrato primevo do mito nórdico. A Saga Voluspa fala da primeira guerra de todos os tempos. Essa guerra foi provocada por uma rivalidade entre as hierarquias de deuses dos Ases e dos Vanes. No início do conflito, Gullveig, presumível amiga dos Vanes, foi feita em pedaços por lanças e queimada até a morte no saguão do Altíssimo (Odin). Foi queimada por três vezes e três vezes renasceu, sendo também chamada de Heider, uma bruxa de grande visão, muito poderosa em feitiçaria. Sugeriu-se que seu terceiro renascimento foi como Angerboda, esposa de Loki. Este teve com Angerboda três seres terríveis da sorte e do destino. O primeiro deles foi Fenri Lobo, que terminaria por engolir o mundo na época de Ragnarök. O segundo foi a Serpente Midgard, que roía as raízes da Árvore da Vida. Por fim, vem, completando essa trindade de agentes espirituais vinculados com o destino dos mundos, Hel, rainha das nove camadas do Mundo Inferior, chamado Nifelheim. Esse mito parece nos levar a um estrato mais antigo de deusas, embora, nos termos de um ponto de vista patriarcal, a tríade tenha sido descrita como geradora de terríveis forças negativas que operam no destino. Ao contrário da mitologia grega, muito do lado positivo do componente feminino dos mundos espirituais se perdeu na mitologia nórdica. Contudo, certamente não podemos duvidar de que, numa época anterior, houve histórias profundas sobre os aspectos positivos da deusa, ora perdidos na tradição escrita.

AS VALQUÍRIAS

As Valquírias são as “Defensoras dos Assassinados” da mitologia nórdica, correspondendo em alguma medida às Erínias gregas. Mas elas não parecem possuir a ânsia grega de vingança do matricídio, a proteção da linhagem feminina, ligada às Erínias. A mitologia nórdica foi escrita num período de guerras extremamente patriarcal do desenvolvimento das sociedades germano-escandinavas e, por isso, as Valquírias, embora sem dúvida remanescentes de uma deusa tríplice anterior, têm estreitas ligações com o masculino heroico. Elas são as “Defensoras dos Assassinados” e levam as almas nobres que perderam a vida nas batalhas para a companhia de Odin, onde estas alcançam a recompensa eterna. Mas os nomes das Valquírias, tal como foram preservados em algumas histórias, retêm uma concepção das selvagens energias primais das Erínias; considerem-se os nomes Hlokk (“a Estridente”), Goll (“a Gritadora”) e Skogul (“a Violenta”).

Raramente se representam as Valquírias como três; é quase inevitável o seu aparecimento como múltiplos de três, por exemplo, as Nove, ou as Três Naves e, numa história, até como as Nove Naves. Elas representam um arquétipo tão poderoso da alma nórdica que foram vistas, em épocas posteriores, como dotadas de uma faceta delicada e suave em sua natureza, podendo aparecer como Donzelas-Cisne. Os nórdicos desejavam a tal ponto suavizar e tornar agradável a terrível faceta primal da deusa que a representaram numa forma mais branda, razão por que as Valquírias por vezes assumiam a forma das afáveis Donzelas-Cisne. Observamos na seção anterior que esse abrandamento da aspereza das deusas primais ocorreu na tradição grega quando as Erínias foram transformadas nas Eumênides.

AS MÃES NO FAUSTO

Na Segunda Parte do *Fausto* de Goethe, há uma cena em que Fausto, diante do Imperador, promete mostrar-lhe uma Mágica que vai levantar os

espíritos de Páris e de Helena de Troia e apresentá-los à corte. Mefistófeles fica atônito, dizendo que isso está acima dos seus poderes. Para realizar essa façanha, Fausto deve primeiro descer ao reino das Mães – deusas ctônicas primais das profundezas da Terra –, um reino “Que a Terra recusa e que o Inferno tem repugnância em mencionar”. Aqui, Goethe sugere uma deusa tríplice das profundezas ctônicas que existiu antes do estabelecimento das polaridades Terra e Inferno, sendo por isso mais poderosa do que Mefistófeles. Fausto penetra nas entranhas da Terra com uma chave capaz de abrir a porta do reino das Mães e encontra essas formas sombrias em torno de uma Trípode de Ouro: “Deusas cujo trono é a sublime solidão, / Que não estão em lugar nenhum e menos ainda num ponto do tempo”.

AS NORNAS

Na mitologia nórdica, as Três Nornas representavam a deusa tríplice do destino. Eram chamadas, nas lendas, de Urd (o Passado), Verdandi (o Presente) e Skuld (o Futuro). Eram três tecelãs que ficavam sentadas do Poço de Urd, situado numa das raízes da Árvore do Mundo, Yggdrasil, e cuidavam do destino dos deuses e dos seres humanos, sem distinção. As Nornas pertencem ao estrato mais primitivo da mitologia nórdica, vindo de uma época mais primal do que a de Odin ou dos grupos de deuses Vanes e Ases. Elas espargem água do seu poço nas raízes da Árvore do Mundo, tingindo-a de branco; as águas de Urd tornam todas as coisas brancas. Por renovarem eternamente a sua brancura. Essas três irmãs foram identificadas como uma deusa lunar tríplice, com Urd (a Lua Crescente), Verdandi (o disco da Lua inteiro) e Skuld (a Lua Minguante).

O nome em inglês desses Destinos era Wyrð (derivado de Urd). Sob o nome de Irmãs Destino (*Weird Sisters*, tendo *weird* o sentido de “destino”), entraram na literatura inglesa, bem como nas lendas e histórias folclóricas do país. Vemo-las especialmente no *Macbeth*, de Shakespeare, que se baseou nas *Chronicles* de Holinshed.

AS DONZELAS DO RENO

O grande Ciclo do Anel, de Wagner, baseado na antiga lenda germânica do *Nibelungenlied*, se inicia com três Donzelas do Reno guardando o seu tesouro de ouro no fundo do rio Reno. Esse ouro tinha um poder mágico transformador sobre todos os que o possuísem, e todo o drama do Anel [dos Nibelungos] gira em torno das maneiras pelas quais o ouro transforma as personagens. No início da história, o ouro é guardado pela deusa tríplice representada como as Donzelas do Reno. No ato de abertura, o anão Albrecht chega ao seu recanto sagrado, fica encantado pela visão do seu ouro e descobre o seu segredo. Para possuir esse ouro, ele precisa renunciar ao poder interior de amor de sua alma. Ele o faz e forja um anel de poder com o Ouro do Reno. Tudo o que mais tarde ficar exposto à aura desse anel de ouro é polarizado e transformado: o egoísmo e a luxúria, o poder independente e o domínio, levam à queda de muitas personagens do drama e criam a solução final no *Gotterdammerung*. Por meio desse mito dos Nibelungos, Wagner assinala que a guarda desse ouro espiritual autodestrutivo está nas mãos da deusa tríplice primal. A humanidade está segura enquanto as Donzelas do Reno guardarem o seu tesouro no fundo do Reno. Quando ele cai em mãos masculinas, como as de Albrecht, Woden, Fafnir e Fashaet, ou de Loki, o encanto desse ouro produz polarização e discórdia. Num certo sentido, o mito fala dos perigos decorrentes do trabalho unilateral das forças espirituais da alma com uma única faceta da humanidade, o masculino, que cai tão prontamente no dualismo, tendo como frutos o conflito e a luta sangrenta.

A DEUSA TRÍPLICE EM SHAKESPEARE

A força e a percepção inerentes às peças de Shakespeare vêm de sua sensibilidade aos arquétipos que operam na psique. Na realidade, muitas delas são a elaboração dramática de processos de transformação entre os arquétipos que o dramaturgo percebia.

Essa natureza universal e arquetípica de suas personagens é o fator responsável pela preservação das peças e as faz discorrer sobre a condição humana mesmo depois de quase quatro séculos. As peças shakespearianas costumam girar em torno da relação entre o masculino e o feminino, razão pela qual não causa surpresa o fato de ele introduzir a deusa tríplice como um importante aspecto de algumas delas.



Albrecht com as Donzelas do Reno Ilustração de Arthur Rackham

O mais evidente exemplo disso deve ser as Três Feiticeiras de *Macbeth*, que num certo momento se encontram com Hécate. No primeiro ato, vemos as três fazendo um encantamento antes de se encontrarem com Macbeth para lhe dizer o seu destino:

*The Weird Sisters, hand in hand,
Posters of the sea and land,
Thus do go about, about,
Thrice to thine and thrice to mine,
And thrice again to make up nine,
Peace! the charm's wound up.*

[As Três Feiticeiras, de mãos dadas, / Mensageiras do mar e da terra,
/ Começam assim a trabalhar, / Três voltas para ti e três para mim, /
E mais três para formar nove, / Silêncio! O feitiço se realizou.]

Outro exemplo está no *Rei Lear*, em que o velho rei, sem herdeiro masculino, decide, no início da peça, dividir o reino por igual entre as três filhas, Goneril, Regan e Cordélia. A força e a tensão dramática da peça vêm da maneira como ele conta às filhas essa decisão. Ao negar o direito de Cordélia, que se recusa a lisonjeá-lo com vazios protestos de amor, ele divide o reino por igual entre as duas outras irmãs, quebrando assim o equilíbrio interior da triplicidade e trazendo para a sua terra os demônios do dualismo. Goneril e Regan ficam duras e mentirosas, criando antipatia e uma oposição que se manifesta numa tenebrosa guerra e terríveis façanhas. Essa desarmonia exterior se reflete na luta interior de Lear e na sua loucura; mas Shakespeare deseja que vejamos isso como um processo de transformação da alma de Lear; uma transmutação e uma redenção interiores. Ele baseou sua tragédia na antiga lenda britânica do rei Ludd de Lyr, recontada na *History* de Geoffrey de Monmouth. Talvez a lenda de Lyr e de suas filhas seja uma representação mítica da luta entre a deusa de tríplice aspecto e a ordem patriarcal.



As Três Feiticeiras

ERIU, BANBA E FOTLA

No “Livro das Invasões” irlandês, que registra, em termos mitológicos, as várias famílias de divindades que controlaram a Irlanda ao longo dos milênios, há um interessante conto sobre a vinda dos milésios – talvez os primeiros habitantes humanos – para o país. Eles chegam às costas da Irlanda e já a encontram ocupada pelos deuses e deusas da terra, os Tuatha de Danann (filhos de Dana-Anu). Depois de uma batalha mágica, os Tuatha de Danann percebem que sua posse da terra acabou, que seu ciclo chegou ao fim e que eles devem entregar a terra aos recém-chegados. Eles recuam para as suas grutas, Brochs, Cairns ou Sidhe, entrando na Terra, a própria terra. Em sua marcha pelo país, na direção da principal fortificação dos Tuatha de Danann, os milésios, guiados pelo seu líder, Amergin, encontram as três deusas, protetoras da terra da Irlanda. São Eriu, Banba e Fotla. Elas saúdam Amergin e fazem certas profecias sobre a relação dos milésios com

a terra. Pedem que a terra receba nomes baseados nos delas por todo o sempre. Apenas um desses nomes, Eriu, sobreviveu; no nome Eire vemos preservada a memória dessa antiga deusa tríplice primal, que passa o poder às forças masculinas dos milésios invasores. O ciclo de lendas dos milésios é particularmente dominado pelo ciclo do herói, e, a partir daí, a mitologia celta torna-se mais dirigida para o masculino e acentua as façanhas dos heróis e o fragor das armas. O ciclo anterior dos Tuatha de Danann, a que pertencem Eriu, Banba e Fotla, é mais equilibrado e, evidentemente, vem de uma época em que os povos celtas estavam mais abertos ao equilíbrio entre elementos masculinos e femininos de sua alma, refletindo em sua mitologia, em consequência, essa característica.

BRIGITE, BRÍGIDA OU “BRIDE” (NOIVA)

Brígida é uma das principais deusas tríplices dos celtas irlandeses e tem particular importância na tradição escocesa. Tinha três facetas distintas, sendo vista como a deusa da ferraria, da cura e da poesia.

Tinha vínculos, em especial, com o elemento fogo, podendo suas três facetas serem consideradas como a operação do fogo em diferentes níveis do ser. Assim, como Brígida deusa da ferraria, ajudava quem trabalhava exteriormente com o fogo para moldar metais: os artesãos e ferreiros. Como Brígida deusa da cura, alimentava o fogo interior da vida e ajudava quem trabalhava com a cura dos enfermos, tentando devolver aos doentes o fogo interior da vida, sua força etérica de vida. Como Brígida deusa da poesia, levava o fogo da inspiração às almas dos que trabalhavam na criação de poesia e de música. Logo, podemos ver que Brígida sustentava o Fogo que nos transforma nos planos material, etérico e astral dos nossos seres.

Nos tempos antigos, Brigitte era venerada no seu centro de mistério em Kildare, na Irlanda, que estava sob a proteção de nove sacerdotisas (o que era adequado a uma deusa tríplice). Brigitte era uma deusa tão importante na tradição irlandesa que, depois da conversão da Irlanda ao cristianismo, a Igreja não viu sentido em tentar destruir o seu culto, dada a profundidade

com que sua veneração estava instilada na alma do povo. Em vez disso, ela foi “cristianizada” em Santa Brígida, permanecendo até hoje como uma das mais amadas santas da Irlanda. Em algumas histórias, foi o próprio São Patrício quem a batizou e ela foi elevada à condição de figura galesa de Maria, sendo muitas vezes considerada como a parteira de Maria ou até como a ama do Menino Jesus. Depois de sua cristianização, o seu centro em Kildare transformou-se num santuário, tendo sido formada uma irmandade de freiras para cuidar do seu local sagrado. Diz-se que dezenove freiras cuidavam desse templo, mantendo em seu altar uma chama perpetuamente acesa. Elas se revezavam nessa tarefa por dezenove noites, mas, no vigésimo, dizem que o espírito de Santa Brígida mantinha miraculosamente a chama acesa.



Estátua romano-britânica de Brigântia, ou Brígida, encontrada no sudoeste da Escócia

Brígida também foi vista, numa época anterior, como uma deusa ligada ao ciclo anual. Ela presidia o começo da primavera, que, no ciclo dos antigos festivais do fogo – Samhain, Imbolc, Beltane e Lammás –, começava na véspera de primeiro de fevereiro, Imbolc, ou Dia de Brígida (que viria a ser cristianizado como a Festa da Candelária. Por meio do ciclo dos Festivais do Fogo, os antigos povos celtas celebravam as diferentes energias do girar da roda do ano. Isso era vivido especialmente como o poder do fogo manifestando-se em diferentes níveis. Assim, esses povos realizavam festivais do fogo para encorajar o fogo interior da Terra, que flui e reflui como uma maré ao longo das estações – e para estabelecer com ele uma empatia. A Véspera de Brígida era reservada para a celebração do Fogo da Iluminação; os impulsos da inspiração, da cura e da energia criativa/criadora eram vividos, nessa noite, como as trevas do inverno que começavam a dar lugar às forças recém-chegadas da primavera.

Esse quadro foi especialmente preservado nas lendas escocesas da relação entre Brígida e Cailleach. Cailleach, também conhecida como a Carline ou Mag-Moullach, era o aspecto de velha da deusa no ciclo anual. Estava ligada às trevas e ao frio do inverno e assumiu a direção no ciclo das estações em Samhain, a véspera do primeiro de novembro. Ela portava o bastão negro do inverno e castigava a terra com frias forças contrativas que ressecavam a vegetação. Com a aproximação do fim do inverno, ela passava o bastão do poder para Brígida, em cujas mãos ele se tornava um bastão branco que estimulava a germinação das sementes plantadas na terra negra. As forças expansivas da natureza começavam então a se manifestar. Por vezes, essas duas deusas eram retratadas em batalha pelo controle das forças da natureza; dizia-se até que Cailleach aprisionava Brígida sob as montanhas no inverno. Mas o melhor modo de vê-las é considerá-las duas facetas de uma deusa tríplice das estações: a Velha Cailleach do Inverno, a Donzela Brígida da Primavera e a Mãe-Deusa do viço do Verão e da frutificação do Outono. O nome do último membro dessa trindade não foi preservado na lenda folclórica com o mesmo cuidado. Talvez porque ela representava uma faceta demasiado pagã da deusa, vinculada demais com a

fecundidade e com as forças sexuais da vida, a Igreja não permitiu o seu culto declarado. Mas podemos reconhecer alguns dos seus atributos em Tailtiu, uma deusa da terra irlandesa associada com Lammas, e em Anu-Dana (por vezes chamada, na tradição popular, “Annie”), a mãe-deusa primal dos celtas irlandeses. Como a celebração do festival de Brígida envolvia a feitura de uma Boneca Noiva com as últimas gavelas de milho do ano anterior, podemos ver que um dos seus atributos era de deusa do milho. Num certo sentido, a figura Cailleach-Brígida pode ser considerada como tendo um paralelo com o mito de Deméter-Perséfone dos gregos antigos.

AS MATRONAS DEIAS

As Matronas Deias são uma trindade celta de deusas da terra cujo culto era celebrado na época da ocupação romana das regiões celtas da Gália e da Bretanha. Sua existência foi registrada por historiadores romanos. Restam umas poucas esculturas representando essas três deusas da fertilidade, que costumam ser apresentadas como três mulheres de túnica trazendo cestas ou cornucópias de frutos ou de flores, sendo por vezes apresentadas segurando crianças nos braços. Em geral, apenas a figura central aparece de pé. Pouco se sabe delas, exceto que parecem ser uma mãe-deusa tríplice ligada à fecundidade da humanidade e com a fertilidade da terra. Sugeriu-se que uma dessas estátuas, preservada desde a época dos druidas, estava num santuário subterrâneo no local em que mais tarde foi construída a Catedral de Chartres. A estátua era venerada como a famosa “Virgem Negra” de Chartres, alvo de intensa peregrinação na Idade Média.



Matronas Dea, a deusa-mãe da mitologia celta

AS TRÊS MARIAS

Difícilmente se pode afirmar que o cristianismo seja uma religião da deusa, mas a partir do século XII foi estabelecido o culto da Virgem Maria, que a Igreja Católica desde então acentuou. A figura de Maria, como Virgem e Mãe ao mesmo tempo, criou necessariamente algumas dificuldades e contradições para os devotos, mas, com o tempo, a Igreja Católica construiu um novo arquétipo da condição ideal de mulher em torno dessa figura. Essa representação de Maria é pura e perfeita, acima do pecado; na verdade, ela não teve morte corporal porque seu corpo, de tão perfeito, foi transportado para o céu como uma entidade física, de acordo com a doutrina relativamente tardia da Assunção da Virgem. Sendo um arquétipo que mulher nenhuma pode alcançar, essa figura de Maria é na verdade uma projeção da visão dos homens, do ponto de vista dos

sacerdotes celibatários em particular, daquilo que há de espiritualmente arquetípico na mulher.

Embora o atual arquétipo de Maria tenha menos utilidade na nossa época, podemos verificar sua importância nos primórdios do cristianismo. Nos primeiros séculos depois dos eventos que cercaram o fundador, vemos um movimento religioso que é mais aberto ao feminino do que o judaísmo patriarcal em que Jesus cresceu e contra o qual reagiu com a sua nova maneira de encarar a natureza da divindade. Os primeiros cristãos eram mais receptivos ao feminino e o incorporaram à sua mitologia nos Evangelhos, embora o apóstolo Paulo não gostasse de acentuar nenhum aspecto do feminino. Assim, vemos que as Três Marias que aparecem no túmulo da ressurreição são uma importante parte da iconografia cristã primitiva. São elas: Maria a Virgem; Maria esposa de Cleofas e Maria Madalena. Elas talvez tenham, em pequeno grau, introduzido um elemento da deusa tríplice no cristianismo patriarcal, embora sua significação esotérica ou espiritual não tenha sido desenvolvida no cristianismo ortodoxo. Mas as Três Marias tiveram, contudo, certo papel em determinadas escolas gnósticas.

A MORRIGU

Morrigu é a deusa velha terrível da lenda irlandesa. Ela tem alguma relação com as Fúrias ou Erínias e até com as Valquírias do mito nórdico. Ela se apresenta como uma deusa tríplice da batalha e personifica o implacável lado guerreiro incansável da alma celta. Suas três facetas eram denominadas, individualmente, “Morrigu” a “Rainha dos Fantasmas” ou “Rainha dos Pesadelos”; Badb, a “Coroa” ou “Corvo”; e “Macha”, que personificava o “frenesi” e o calor da batalha.

AS TRÊS VIRTUDES

Seguindo a tradição romana, as virtudes teológicas cristãs, Fé, Esperança e Caridade (ou Amor), eram representadas com frequência como três deusas.

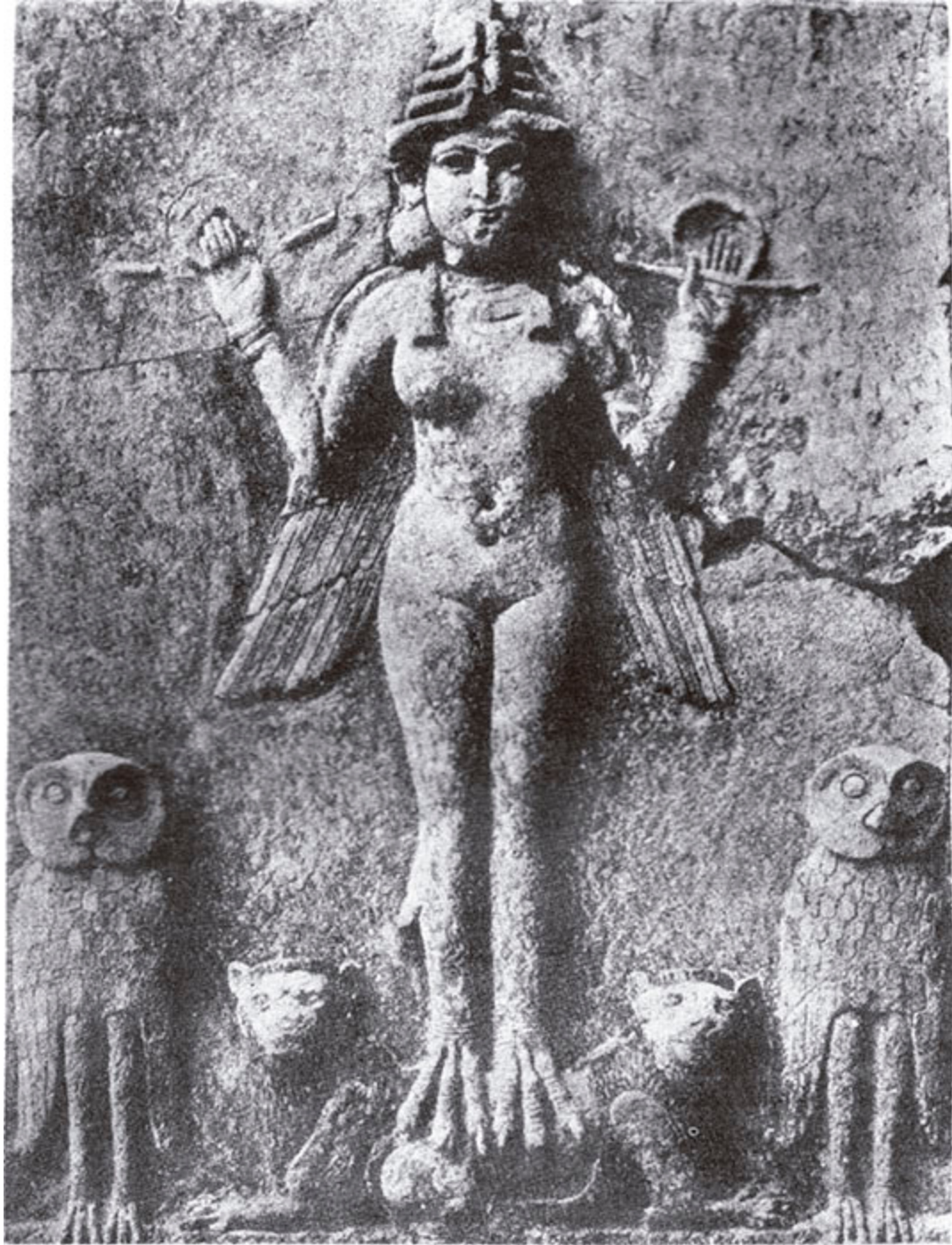
LILITH, ISHAH E EVA: TRÊS DEUSAS NO JARDIM

É possível que o mito mais importante da estruturação da psique da humanidade ocidental seja o da Queda do Homem, no Jardim do Éden, por meio da mulher. Esse quadro do *Gênesis* deu ao cristianismo ocidental um terrível dualismo; mostra-nos uma imagem de um estado de perfeição espiritual edênica de cujos deleites nos afastamos, por meio da nossa natureza sexual, via tentação de Eva. Os patriarcas do judaísmo temiam tanto o poder do feminino que construíram esse mito, fonte de tantas desgraças para a humanidade. Ao macularem a relação entre os sexos como não espiritual e “terrena”, em oposição a uma espiritualidade supostamente “celeste” e, de modo particular, ao representarem a ocorrência disso como resultado dos caprichos do aspecto mulher, eles culpavam a figura de Eva pela “Queda”. Em consequência, as mulheres foram banidas de toda participação significativa na vida espiritual da humanidade ocidental. Na verdade, muitas mulheres, ao longo dos milênios, foram perseguidas sem perdão por se intrometerem nesse adorado privilégio masculino. Mas o exame da lenda do Jardim, presente em outras fontes não bíblicas, em especial nos comentários cabalistas esotéricos da Criação, revela algumas deusas espreitando no segundo plano.

Podemos ver uma trindade de parceiras de Adão, o Homem Arquetípico. A primeira esposa de Adão, Lilith, feita como ele do pó da Terra, está presente nas lendas patriarcais do Talmude como uma figura malévola que buscou igualar-se a Adão. Na verdade, ela se considerava igual a ele e queria a plena participação nos prazeres sexuais. Como princípio feminino, sem dúvida resquíio da antiga tradição da deusa da época pré-patriarcal, Lilith era antipática aos valores patriarcais posteriores. Foi portanto invertida e transformada em figura do mal. Foi associada, em especial, com a cobra, como muitas outras deusas no seu aspecto de megera. A cobra ou o dragão

simboliza, na realidade, as forças vivas da Terra e a energia ativa do feminino, razão pela qual foi considerada em conflito com as energias criadoras ativas do masculino.

No judaísmo, Jeová, conhecido como o deus-lua, usurpou o papel criativo da deusa-lua. Mais tarde, Lilith, na origem parceira com iguais direitos de Adão, tornou-se, em vez disso, patrona de maléficos íncubos e súcubos; era a promotora dos sonhos e pesadelos eróticos, destruidora das criancinhas. Nesse ponto, surgiu Eva como um princípio feminino mais compatível com os valores patriarcais: feita da costela de Adão. Como emanção do poder deste, ela é sua auxiliar e companheira submissa. Eva não foi criada apenas para carregar a responsabilidade pela violação da ordem absurda de Deus Pai pela humanidade; os patriarcas, por meio do seu mito, puderam culpar a humanidade pelo mal e pelo dualismo que percebiam em si mesmos e no universo. O próprio dualismo deles causou a incapacidade de se atingir uma espiritualidade ideal – inalcançável, na realidade, por negar a natureza terrena dos homens.



Uma representação suméria de Lilith

O mito da Queda penetrou bem tarde na tradição judaica, e a história da criação do *Gênesis* foi formada, com efeito, pela junção de duas versões. Essas versões revelam outra faceta da deusa no Jardim na forma de Ishah. Adão, o homem arquetípico, chamado numa dessas histórias de Ish, e Ishah, é duas partes de um mesmo ser, um arquétipo hermafrodita da humanidade, duas emanções dos atributos masculino e feminino encarnados. Logo, temos de fato uma trindade de deusas no Jardim: Lilith, Eva e Ishah. Lilith e Eva são duas polaridades extremas do feminino arquetípico criadas pela consciência dualista dos sacerdotes judaicos patriarcais. Lilith, a sombria e maléfica, é por vezes representada como uma serpente e até como esposa de Satanás. Eva, o arquétipo decaído da mulher que, pela sua imperfeição, trouxe a ruína para a humanidade e deve sofrer eternamente, é inferior ao princípio masculino que comprometeu. Ishah aparece na história da criação como um reflexo esmaecido de uma terceira faceta da deusa que está em harmonia com o masculino, faceta cujo nome reflete o de Ish, o masculino arquetípico.

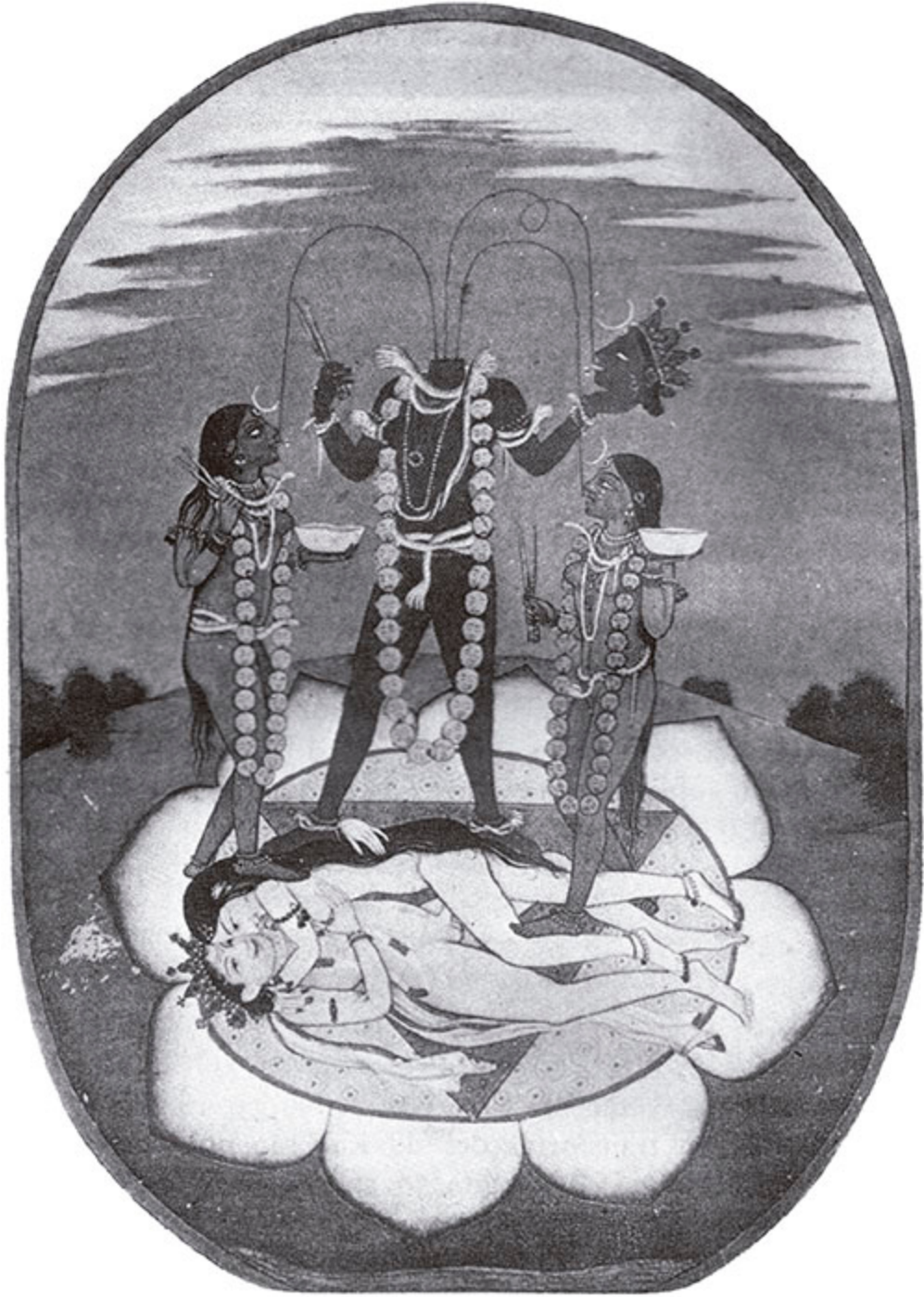
CHINAMASTA

Chinamasta é uma das dez facetas da deusa indiana Kali. Essas facetas ou transformações de Kali são por vezes denominadas Mahavidyas. A meditação sobre elas é parte essencial do esoterismo tântrico.

À primeira vista, Chinamasta tem aspecto horripilante, adornada com cobras, com sangue jorrando da cabeça cortada; mas, se for percebida como figura simbólica para meditação, e não vista ingenuamente como um monstro terrível, muito se pode obter do poder dos arquétipos agregados à sua forma.

Ela sempre é apresentada de pé ou sentada sobre dois amantes em união sexual. O casal costuma ser formado por Krishna e Radha, representando Vishnu e Lakshmi, as duas emanções do princípio divino como as formas masculina e feminina da natureza e do reino humano. Nossa experiência do aspecto Chinamasta da nossa alma só pode começar quando tivermos

iniciado o processo de união das polaridades masculina e feminina do nosso ser. Se trabalharmos com a yoga tântrica, terminaremos por ser agraciados com uma visão interior de Chinamasta sentada sobre o nosso chacra ou centro sexual inferior. Há na alma três correntes: a Ida (lunar), a Pingala (solar) e a central, Sushumna, que entrelaça as duas outras de forma equilibrada. A figura de Chinamasta traz para os nossos olhos a transformação dessas três correntes. Da mesma maneira como as facetas masculina e feminina da nossa alma não podem fluir de uma para a outra enquanto não tiverem abandonado suas defesas, abrindo-se uma para a outra na alma inferior, assim também, na nossa alma superior, o nosso “aspecto cabeça”, essas polaridades só podem ser superadas quando a cabeça é aberta de modo semelhante. Eis por que a imagem terrificante da cabeça cortada de Chinamasta aparece. O que essa imagem (ver a página anterior) de fato representa é a abertura da alma superior. Para evitar a sua queda na dualidade, vemos a própria cabeça de Chinamasta recebendo a essência do sangue apenas do canal Sushumna unido, enquanto as energias polarizadas de Ida e de Pingala são sorvidas pelas suas duas figuras servas, Dakini e Barnini.



Chinamasta

Essas correntes também podem ser associadas com os Três Gunas: Tamas, o sombrio, inerte, feminino; Sattva, o radiante, expansivo, masculino; e Rajas, o equilibrador. Tamas e Sattva compreendem, respectivamente, os canais esquerdo e direito; Rajas representa o Mercúrio entrelaçador que vem do poço da alma. A imagem de Chinamasta mostra que, a não ser que equilibremos as energias do masculino e do feminino em nossa alma inferior, a própria consciência da nossa cabeça superior ficará desequilibrada. Se ela tender para Sattva-Pingala, haverá um excesso de objetividade e de desapego.

Se o canal esquerdo estiver demasiado ativo e se a pessoa tender excessivamente para Tamas, haverá na consciência um desejo informe e sem alvo que passa de um pensamento para outro sem cessar.

Essa horripilante e terrível figura de deusa tríplice contém, na verdade, uma profunda sabedoria relativa ao funcionamento interior da psique.

SHAKTI

Sabe-se bem que a religião hindu tem no seu centro uma trindade de deuses – Brahma (o Criador), Shiva (o Transformador) e Vishnu (o Preservador). Cada um deles tem como consorte uma companheira chamada Shakti. Nos primórdios das tradições indianas, essas consortes eram vistas tão somente como emanções dos deuses masculinos individuais; contudo, a partir do século V d.C., aproximadamente, a deusa começou a ser um importante arquétipo para a consciência indiana. Durante esse período, as Shaktis se tornaram divindades muito importantes e conseguiram o direito de adoração. Com o tempo, adotaram qualidades e características associadas com um nível mais primal de culto da deusa que remonta a muitos milênios nas tradições orientais.

Brahma tinha por consorte Saravasti. Ela personificava a natureza e era a padroeira das artes e ofícios, refletindo especialmente a faceta de Mãe da deusa tríplice. Shiva, o transformador ou destruidor, tinha como companheira especial Kali; ela representava o aspecto sombrio de megera

da deusa tríplice e era a iniciadora na transcendência. Shiva também se uniu a Parvati, que pode ser vista, num certo sentido, como o aspecto luminoso de Kali. Vishnu, o último membro dessa trindade, o preservador da ordem e da estabilidade no mundo, tinha Lakshmi como sua Shakti. Ela era representada como jovem e muito bela e é a esposa fiel ideal, bem como a faceta de Donzela da deusa.

As tradições orientais têm muitos exemplos de deusas tríplices. Uma descrição completa delas exigiria, para fazer justiça, um amplo e completo estudo. Isso se aplica em particular às ideias do esoterismo tântrico relativas ao equilíbrio entre as polaridades masculina e feminina na alma.

Na tradição indiana, o lado feminino ativo da criação operava por meio desses aspectos. Trata-se de conceitos metafísicos deveras abstratos que não favoreciam deusas populares com as quais as pessoas comuns pudessem identificar-se de modo imediato. Contudo, podemos ver o arquétipo da deusa tríplice no trio formado por Maya, Shakti e Prakriti. Maya é a teia do universo, que realiza eternamente a sua dança da ilusão, tornando o mundo aparentemente substancial, sólido e palpável em termos materiais. Os que a conhecem melhor percebem que toda essa solidez é uma ilusão, uma força espiritual não material que recebeu uma aparente substancialidade. Shakti, por outro lado, é pura energia espiritual manifesta numa forma feminina. Segundo a tradição, a faceta masculina do espiritual dá forma, mas só passou a ter energia interior quando se uniu com Shakti, que é a energia viva criada por sua irmã Maya. Prakriti, por sua vez, é a substância-raiz cósmica, a essência ou o arquétipo do material; ela está imanente, como um eterno potencial, no vazio do espaço. Está presente em toda parte, mas não se manifesta no exterior, sendo apresentada como as partículas ou os pontos focais do vazio, em torno do qual a energia espiritual bruta gira e flui, produzindo a aparência dos átomos e da substância sólida. Maya toma o seu arquétipo da substância com a energia: de Shakti em sua dança e tece diante da nossa consciência as formas e a substância ilusória do mundo material.

AS GRAÇAS DA PRIMAVERA DE BOTTICELLI

A *Primavera*, de Sandro Botticelli, reconhecido como um dos mais belos quadros da arte ocidental, é também um sutil documento do neoplatonismo renascentista. O quadro foi criado sob o patrocínio de Lorenzo di Pierfrancesco, discípulo do neoplatônico renascentista Ficino. O quadro de Botticelli mostra o relacionamento entre o amor terreno e o amor espiritual, apresentando em particular as Três Graças envolvidas numa elaborada dança. Em termos neoplatônicos, essas Três Graças diferem um pouco da concepção grega das Cárites. São, em vez disso, a trindade Voluptas, Castitas e Pulchritudo ou, alternativamente, Laetitia Uberrima, Viriditas e Splendor. As Graças dançam em grupo. Uma delas está no primeiro plano, com as costas voltadas para o observador: é Castitas ou Viriditas, a jovem Graça inocente, entrando na trilha do amor. À sua esquerda está Voluptas, a faceta da Trindade que frui os prazeres terrenos do amor. À direita está Pulchritudo, cuja beleza e perfeição de forma e cujo olhar sonhador, ligeiramente desapegado, indicam a sua ligação interior com a faceta espiritual do amor – expressa na perfeição de suas formas e em seus adornos. A inocente faceta de Virgem das Três Graças serve de mediação entre esses dois aspectos do amor, e o entrelaçamento das mãos dessas dançarinas nos jardins de Vênus mostra que há pouco risco de essa trindade de deusas cair na armadilha da dualidade. Nessas Graças de Botticelli, o terreno e o espiritual estão eterna e quintessencialmente integrados.



As Graças da *Primavera*, de Botticelli

SUGESTÕES E ELEMENTOS PARA PESQUISAS ADICIONAIS

Neste livro, preferi concentrar-me na deusa tríplice vista na mitologia grega, por ser esse campo muito rico em materiais sobre a deusa. O pensamento grego foi tão puro no período clássico que as formas dos mitos foram bem preservadas. Isso nos permite ver a arquitetura interior do arquétipo da deusa tríplice e as maneiras pelas quais ela foi moldada e transformada de acordo com a mudança da sociedade grega num sentido mais patriarcal.

Seria contudo um grande erro se o leitor permanecesse com a impressão de que a deusa tríplice tem ligações primordiais com a mitologia e com a religião gregas; por essa razão, incluí nesta seção adicional algumas descrições resumidas de exemplos oriundos de outras tradições. Há na realidade uma grande quantidade de material sobre o arquétipo da deusa tríplice. Devemos com frequência buscá-lo com muito esforço, visto que a maioria dos autores acadêmicos dos séculos passados não estava especialmente voltada para o feminino na mitologia, tendendo a se concentrar nos mitos do herói. Há, além disso, um espectro muito amplo de dados sobre a deusa universal presente em todas as tradições espirituais e mitologias do mundo. Não havia espaço, no pequeno escopo do livro, para tratar de todos os exemplos do arquétipo, e a minha tendência foi deixar de fora muita coisa interessante e valiosa. Por outro lado, certamente não sou especialista em muitos campos da mitologia; deve haver vários exemplos fascinantes em tradições com as quais não estou familiarizado.

Para concluir esta seção, eu gostaria de indicar alguns caminhos adicionais de pesquisa àqueles que desejem explorar mais o arquétipo. A consideração do material mitológico e lendário da perspectiva do arquétipo da deusa tríplice propiciará muitas descobertas sobre as relações internas e sobre a estrutura desses elementos míticos.

A LENDA ARTURIANA: Há na lenda arturiana três figuras femininas que têm importância na definição da direção e do destino de Artur. São elas: sua irmã, a Fada Morgana, sua esposa, Guinevere, e sua protetora espiritual, a Senhora do Lago, que lhe deu a espada mágica. Podemos vê-las como facetas da deusa tríplice. Quando da morte de Artur, as três rainhas que o levam num barco para a Ilha de Avalon são a Rainha Fada Morgana, a Rainha de Northgales e a Rainha dos Ermos.

MABINOGION: Nas lendas celtas da tradição galesa, há algumas deusas que podem ser consideradas membros de trindades. Por exemplo, há a tríade de Arionrod, Rianon e Blodeuwed. Nossas principais fontes desse material são manuscritos dos séculos XIII e XIV que registram esses mitos de forma evemerística, isto é, os deuses e as deusas de um estrato mitológico anterior foram transformados em figuras humanas com poderes espirituais. É difícil deslindar os meandros de camadas míticas anteriores, em especial quando houve entrelaçamentos entre elas e contos de heróis de outras tradições para formar documentos como o *Mabinogion*. Talvez se obtenha algum conhecimento desse material com o enfoque das formas da deusa nele contidas.

O LIVRO DA REVELAÇÃO (APOCALIPSE): Há três figuras simbólicas no *Apocalipse* passíveis de serem associadas com as facetas da deusa tríplice: a Meretriz, ou Prostituta da Babilônia, obviamente o aspecto megera; a Mulher vestida de Sol com a Lua sob os pés, a faceta de Mãe; e a Noiva de Cristo, personificação da cidade de Nova Jerusalém.

AS NINFAS CABÍRIDES: Um dos mais importantes centros ctônico-gregos de mistério estava na ilha de Samotrácia. Ali eram celebrados os mistérios dos Cabiros. Os iniciados passavam pela experiência interior das potencialidades espirituais presentes no mundo material terreno, o fogo

interior da matéria. No último período, parece que três deuses eram adorados ali: Axiero, Axiocersa e Axiocerso (por vezes também chamado de Casmilus). Num período anterior, três Ninfas Cabírides eram um importante aspecto do mistério. Eram filhas de Cabiro e Hefesto, que, como deus do fogo dos gregos, tinha uma ligação especial com esses mistérios.

ESOTERISMO JUDAICO: A tradição religiosa judaica é extremamente patriarcal e concentrada na figura de Jeová. Entretanto, no esoterismo judaico, o feminino não pôde ser reprimido em termos absolutos e várias figuras femininas um tanto apagadas aparecem como deusas ocultas sob as emanções masculinas exteriores do Divino. O Tetragrama tinha Shekinah como reflexo. O Tetragrama, JHVH, era o Nome de Quatro Letras de Deus. A primeira letra, JOD, correspondia ao Pai; HE, a segunda, representava Shekinah, o aspecto de Mãe que procedia do Pai; VAU era o Filho, o aspecto de Messias ou de Rei; por fim, HE, a última letra, correspondia a outra emanção feminina, a Matronita, Donzela ou Filha.

A outra figura feminina da tradição esotérica judaica era Lilith, associada com o “mal”, Qlipoth. Acreditava-se que, se a Matronita e o Rei se separassem, os israelitas cairiam em pecado. Separando-se da Matronita, o rei formaria par com Lilith. Ao mesmo tempo, o Príncipe dos Demônios, Samael, seduziria a Matronita. Por isso, temos um trio formado pela Shekinah, pela Matronita e por Lilith. A Matronita tinha de manter-se virginal, porque, caso se unisse a Samael, a alma dos israelitas cairia em pecado. Outro elemento tríplice da Cabala Judaica são as Três Letras Mãe, Aleph, Mem e Shin, cada uma delas formada por três golpes do buril. Elas se associam com os elementos Ar, Água e Fogo.

FORMAS DIVINAS EGÍPCIAS: O panteão egípcio é deveras complexo, visto que os egípcios eram demasiado propensos a projetar facetas de si mesmos em formas divinas exteriores, em especial as que se associavam com arquétipos animais. No centro dessa complexa massa simbólica estava a figura de Ísis, que, como Irmã, Esposa e Viúva de Osíris, era uma deusa tríplice. Mas suas três facetas em geral se acham totalmente integradas em seu ser, e ela não é vista como uma deusa que se divide em aspectos

tríplices, ao contrário do que observamos com frequência entre as deusas gregas. O arquétipo da deusa tríplice pode lançar luz sobre alguns elementos desse aparente caos de deuses e deusas, embora isso imponha um considerável grau de pesquisa original e de contemplação da essência das tradições egípcias.

OS GNÓSTICOS: Documentos gnósticos como a *Pistis Sophia* revelam uma elevada perspectiva espiritual. As escolas gnósticas de mistério tiveram proeminência entre os séculos III e VI d.C. Ao mesmo tempo, a Igreja Cristã, tendo-se unido ao imperialismo romano, consolidava suas ideias num ambiente patriarcal. Ela criou dogmas e modificou sua inspiração espiritual original em formas congeladas de ideias e de rituais. Os gnósticos surgiram como uma antítese desse desenvolvimento, e suas escolas eram locais de instrução em métodos de especulação, no sentido de “ver o mundo espiritual”. Fragmentos remanescentes de textos gnósticos mostram uma preocupação com o feminino, em particular com a Sophia, o aspecto de sabedoria deste. Também seria valioso o exame do pensamento e das imagens especulativas gnósticas à luz do arquétipo da deusa tríplice.

CONCLUSÃO

Tendo apresentado ao leitor esta revisão ou visão geral do arquétipo da deusa tríplice e de suas manifestações em várias mitologias, talvez eu deva tentar dar algumas indicações sobre como podemos nos relacionar com essas ideias e arquétipos e sobre como podemos usá-los.

O mero estudo intelectual da mitologia não basta. Para começar, há os perigos intrínsecos do pedantismo e da especialização. Pouco depois de se dedicarem por inteiro a um ponto de vista puramente intelectual, os estudiosos ver-se-ão imersos numa massa de diferentes fontes, leituras alternativas, versões contraditórias, perdendo inevitavelmente a visão geral e a capacidade de se manterem distanciados do material. A mitologia, uma vez registrada e estudada como tema acadêmico, perde muito de sua vida interior. Devemos, em vez disso, revivê-la eternamente na alma, não podendo ela ser apreendida, assimilada e explicada nem mesmo pelo fogo brilhante de um intelecto ativo. Seu estudo só pode ser visto como um começo, pois não nos leva ao cerne do mistério, deixando-nos, em lugar disso, perdidos em meio a detalhados elementos de versões alternativas, obrigados a fazer julgamentos sobre o valor das fontes.

Se, como sugiro nesta pesquisa, a mitologia vive de fato na nossa alma na forma de arquétipos, devemos descer até ela e encontrá-la, em vez de esperar trazer sua essência à nossa esfera intelectual. O que o intelecto vê quando em contato com esses arquétipos é mais uma autorreflexão sua do que uma experiência do impulso formador do mito. Eu gostaria de sugerir, por conseguinte, que temos de tentar encontrar outras maneiras de trabalhar com as energias espirituais associadas com a mitologia.

Usei com muita frequência a palavra “arquetipo” neste livro e estou certo de que devo ao leitor uma explicação do termo. A palavra vem do grego *archein*, “começar”, e *tupeos*, “modelo”, embora isso pouco nos ajude. A palavra “arquetípico” foi usada pela corrente platônica e entrou no hermetismo renascentista, sendo aí usada com o sentido de um mundo das Formas platônico numênico, estando acima e fora do mundo da encarnação em que vivemos fisicamente. Esse mundo arquetípico contém a essência, o exoesqueleto espiritual de tudo que tem encarnação física. Assim, podemos imaginar, vamos dizer, uma planta individual com o seu arquetipo nesse mundo espiritual das Formas, mundo que, como um exoesqueleto, dá forma, imutável e eterna, aos seus vários revestimentos materiais na Terra. A planta individual busca crescer para refletir o arquetipo, que ela percebe, num dado nível do seu ser, como uma espécie de forma perfeita ou aspiração na direção da qual se move. Essa ideia platônica dos arquetipos como elementos que estão bem além do material não é a que usei neste livro. Na verdade, essa concepção nos dá, num certo sentido, um quadro da relação entre o espiritual e o terreno de cunho “patriarcal”, ligado a um deus-céu.

O sentido particular da palavra “arquetipo” usado aqui deriva da obra de C. G. Jung, embora interpretado de maneira mais esotérica. Para Jung, um arquetipo representa uma estrutura da parte inconsciente da psique humana. Pertence não tanto ao indivíduo como a uma raça particular e a uma tradição específica nas quais o indivíduo nasce e cresce. Os arquetipos são, nesse sentido, resquícios de experiências dos nossos ancestrais e, coletivamente, da raça a que pertencemos. Um comportamentalista radical seria tentado a descrevê-los como parte de uma programação cerebral radicalmente herdada.

Esoteristas e filósofos espirituais da nossa época reconhecem no quadro junguiano da psique humana algumas facetas que ressoam com a sua própria concepção e com a sua própria experiência das forças da alma. Eles descobriram, em especial, que essa ideia dos arquetipos do inconsciente coletivo tinha paralelos nos seus domínios esotéricos. Por isso, a palavra

“arquétipo” passou a ser usada fora do seu sentido junguiano estrito para dar a ideia de estruturas de forças espirituais presentes em nossa alma interior. Eles são sombras de forças espirituais que compõem a estrutura da alma. A tradição esotérica os descreveria como padrões espirituais embutidos em nosso corpo astral. Trata-se de uma mudança de sentido mais radical do que à primeira vista pode parecer. A diferença presente nessa interpretação esotérica do arquétipo é o fato de eles terem um “ser” por trás de si. Jung os via como originários da experiência passada da raça e, ao menos no que escreveu, ateu-se a essa concepção estrita. Desse modo, suas teorias psicológicas mantiveram-se na corrente principal da tradição agnóstica, cética e acadêmica, embora ele possa ter, em particular, uma concepção mais imanente dos arquétipos, que manteve para conversas reservadas com seus discípulos.

Assim, uso a palavra “arquétipo” neste livro para designar padrões espirituais embutidos em nossa alma astral como a personificação do ser espiritual que existe em nossa substância interior. Essa pode ser uma ideia difícil para muitas pessoas, razão pela qual eu talvez possa ilustrá-la da seguinte maneira: se os arquétipos forem meros vestígios de velhas lembranças raciais inscritas na psique, só poderemos nos relacionar com eles tentando libertar-nos das forças neles presentes. Trata-se de fato de uma abordagem válida, usada na análise junguiana, em que os pacientes são capacitados a tomar consciência das energias desses arquétipos em operação em sua alma e a perceber a sua presença. Mas o esoterista os vê não como o resíduo psíquico de uma era precedente, mas como o reflexo do ser espiritual presente em nossa alma. Os esoteristas sentem que devem, na verdade, relacionar-se com esses arquétipos tomando-os como elementos imanentes às forças espirituais que se renovam eternamente na nossa alma. Por seu intermédio, podemos viver uma marcante experiência do espiritual que existe em nós. Para o esoterista, os arquétipos estão cheios de vida. Podemos perceber a distância imensa que separa essas duas concepções de “arquétipo”.

O esoterista de hoje pode se relacionar com eles tomando-os como a sede do ser espiritual que existe em nossa alma, eternamente integrado ao tecido do nosso corpo astral pelas forças espirituais. Nesse sentido, trazemos os “deuses” no interior do nosso ser, em vez de projetá-los fora de nós, no mundo material; no Céu, com seus planetas e estrelas; na Terra, com suas montanhas, fontes e fendas profundas; no mundo vivo da Natureza, como espíritos das árvores e da vegetação ou em animais totêmicos. Nos tempos antigos, os deuses eram vistos no mundo exterior; hoje, nossa consciência cresceu e se desenvolveu tanto que vemos os deuses no nosso interior, manifestando-se como arquétipos.

Os deuses não podem manifestar-se no nosso intelecto; eles só podem vir à existência na substância astral do nosso ser, que se mantém livre das forças enrijecedoras do mundo material e permite que suas energias espirituais construam estruturas fluidas o bastante para refletir-lhes a sutil natureza espiritual.

Os arquétipos estão contidos na nossa substância astral, razão pela qual não podemos esperar sua elevação para a substância mais rígida do nosso pensamento abstrato, com a sua organização unidimensional de ideias componentes. As energias espirituais dos arquétipos não podem viver nessas estruturas rígidas. Se quisermos estabelecer uma ligação com o ser desses impulsos espirituais, não há sentido em esperar a possibilidade de os elevarmos até a nossa consciência abstrata e examiná-los como joias brilhantes ou belos quadros; devemos, em vez disso, descer até o nosso mundo interior e nos reunir a eles.

Como devemos ir ao encontro dos arquétipos?

Temos de estar preparados para realizar uma jornada interior. É fácil mergulhar de cabeça nessa experiência mediante o uso de certos exercícios espirituais extremos ensinados em alguns grupos mágicos ou com o uso de uma variedade de alucinógenos ou até por meio da criação ativa, em si mesmo, de um estado próximo da loucura. Todos esses métodos por certo nos impelirão abruptamente na direção da mente inconsciente. Mas o importante, ao emprendermos essa jornada, não é necessariamente atingir

de imediato o seu fim, e sim a qualidade da percepção que temos enquanto viajamos por essa paisagem interior e aquilo que podemos trazer para a nossa consciência cotidiana e para a nossa vida exterior dessa jornada. Não podemos esperar viver num estado eterno, extático, meditativo, nem eternamente “viajando” graças a alguma droga; além disso, um constante estado de colapso psíquico dificilmente seria uma experiência válida de vida.

Para ganhar alguma coisa de uma jornada, devemos ter uma preparação adequada. O primeiro nível de trabalho com os arquétipos é a preparação do nosso pensamento abstrato (o ponto de partida em que todos começam suas jornadas interiores), tornando-o mais flexível e capaz de refletir energias espirituais. Tenho a esperança de que algum material deste livro sirva de apoio a isso. Tentei apresentar aqui parte do material mitológico de uma maneira que ressoasse com os arquétipos, ao mesmo tempo que construísse pontes para eles a partir do nosso pensamento abstrato.

Começamos, então, pela contemplação das figuras arquetípicas em nossa alma a partir do terreno seguro da nossa consciência abstrata cotidiana e, embora no início fiquemos fora delas, descobriremos que, à medida que permitimos a sua ação sobre nós, começa por si só um diálogo ou conversa. Se ouvirmos o nosso mundo interior, cômicos do fato de que os arquétipos que o habitam possuem um ser, não sendo meros brinquedinhos intelectuais, com o tempo estabeleceremos uma relação com essas pedras fundamentais da nossa alma.

Os leitores do livro que desejam trabalhar mais com a substância deste livro devem reservar algum tempo à contemplação regular dessas figuras de deusas, por exemplo, das Erínias. Em primeiro lugar, leia todos os mitos e lendas relevantes sobre elas, não como um estudo acadêmico, mas apenas para sorver a essência do material mítico que cerca esses arquétipos. Tente obter um quadro interior daquilo que se revela por meio delas, o elemento de fúria, de ciúme, de proteção dessa faceta da deusa tríplice e suas qualidades primais de independência total. Tente ver a deusa tríplice em si mesma. Examine se você alguma vez reagiu a situações ou a pessoas de uma maneira que lembre as Erínias. Todos fizemos isso algum dia. Tente vê-la

em outras pessoas, ou em situações grupais manifestas em assuntos políticos ou sociais. Se tentar construir conscientemente um quadro interior e buscar o seu lado Erínia, com o tempo você vai sentir a forma delas em si mesmo, como se o arquétipo fosse um elemento sólido, uma pedra fundamental da sua alma. Com efeito, você não vai concentrar-se numa única faceta da deusa tríplice, mas equilibrar os exercícios ao ter uma experiência com os seus outros aspectos.

Todos os exercícios esotéricos começam com esses simples estados de consciência cotidianos. O segredo do desenvolvimento interior e da experiência espiritual está na vontade de levar essa tarefa a cabo e não em algum elaborado sistema de meditação. Mas o equilíbrio é importante e devemos evitar a concentração numa faceta da deusa com a qual preferiríamos alegremente nos identificar. (O mesmo se aplica ao trabalho com deuses masculinos.) É mais importante ligar-se com as diferentes facetas dos arquétipos, reconhecer sua interação e sentir que o livre curso de suas qualidades em nossa alma é essencial para um saudável equilíbrio das nossas energias psíquicas. É muito fácil perceber como o foco unilateral na figura masculina de Cristo, na tradição espiritual do Ocidente, levou a um desequilíbrio da alma da humanidade ocidental. Temos de evitar a repetição desses erros em nosso trabalho interior. De fato, todo o propósito deste livro, em sua concentração no arquétipo da deusa tríplice, é o de dar às pessoas alguma compreensão da necessidade de equilíbrio interior, que, creio eu, podemos ver com clareza que está contido na substância espiritual dela.

Se fizermos esses exercícios, com o tempo começaremos a ver que a nossa resposta interior às pessoas, aos acontecimentos e às situações reflete facetas da deusa tríplice e, uma vez familiarizados com ela, perceberemos que projetamos um arquétipo específico em determinadas pessoas. Essa comunicação permanente com os arquétipos do nosso ser é parte importante e essencial do processo, embora somente depois de anos de prática seja possível um encontro mais direto com as energias espirituais presentes nos arquétipos. Temos de nos preparar para a nossa jornada.

Esse encontro direto envolve meditação. Embora várias escolas esotéricas instrua na prática dessas operações interiores e as supervisionem, não é essencial para todos o trabalho com esses grupos. De uma estranha forma, quem começa o processo de preparação para a jornada interior e trabalha para transmutar o seu pensamento abstrato num veículo válido para viver os arquétipos vai descobrir que esses exercícios de meditação surgem espontaneamente. Quando chega a hora certa e essa pessoa atingiu uma certa abertura e uma certa flexibilidade de pensamento, as energias espirituais dos arquétipos com que vem trabalhando começarão a fluir para a sua consciência. Essa condição só pode ser alcançada por meio de um trabalho ativo e de uma longa preparação. Devemos ter paciência para esperar que o arquétipo da deusa que está na alma fale conosco. Ela não pode ser conquistada à força.

Muitas pessoas têm dificuldade em trabalhar com energias da deusa e têm medo de alguns arquétipos, particularmente dos da Megera, de Hécate, de Lilith ou da figura da Bruxa. Creio que isso se deve apenas à projeção de valores patriarcais, na forma de dualismo, no trabalho esotérico. Uma vez que a deusa tríplice seja reconhecida em suas três facetas ao mesmo tempo, é claro que não há dualismo, não há luta entre o “bem” e o “mal” na alma. O elemento Megera é, simultaneamente, a sábia, a Sophia. Trabalhar com arquétipos da deusa é na verdade uma poderosa lição de enfrentamento e de superação dos valores dualistas incorporados à nossa alma por milênios de dualismo patriarcal. Logo, não precisamos temer o lado “sombrio” da deusa; sua beleza está coberta pelo seu manto de trevas. A luz, afinal, depende das trevas para existir. Todos precisam deste planeta escuro, bem como do Sol, para sobreviver. Todos precisam do reino sombrio que há dentro de nós como fonte de inspiração, de surpresa e de transformação, tal como precisam dos sólidos, seguros e lógicos fundamentos da mente consciente.

Se trabalharem segundo uma tradição exclusivamente patriarcal, os esoteristas terão grandes dificuldades para experimentar esse lado sombrio. Isso porque, num sistema patriarcal, o lado sombrio da alma é visto como

totalmente “mau”, “demoníaco”, “satânico”, enquanto o lado luminoso é todo “bom” e “espiritual”. As formas divinas masculinas associadas com o lado sombrio, “Pã”, “Dioniso”, “Satanás” e, numa profunda contradição, “Lúcifer” (o “portador da luz”), foram carregadas, ao longo de milênios de patriarcado, com elementos tão negativos que é quase impossível um esoterista de hoje unir opostos com esses arquétipos masculinos, tal o peso das energias negativas dualistas sobre eles. A deusa tríplice permanece como um arquétipo muito mais saudável para se trabalhar quando se quer unir os lados sombrio e luminoso do nosso ser; porque, como vimos, ela sintetiza as polaridades por meio da sua natureza tríplice. O trabalho com a deusa tríplice não implica os perigos de projeção dualista presente na trilha do trabalho com arquétipos masculinos.

Para concluir, eu gostaria de tratar um pouco mais da questão do equilíbrio masculino-feminino e da concentração aparentemente desequilibrada deste livro no feminino. Como indiquei na introdução, a alma humana já está desequilibrada, pendendo demais para o masculino. Este livro é uma tentativa de fornecer algum material passível de ajudar na reversão desse desequilíbrio. Se fosse seguido exclusivamente como um caminho independente, um trabalho que só considere o lado deusa da nossa natureza terminaria por produzir efeitos desequilibradores e distorções na alma. Mas existe uma tal massa de componentes masculinos presente em nossa alma que um longo tempo passará antes de acontecer um desequilíbrio que penda para o lado feminino. Por isso, não me desculpo por encorajar as pessoas a buscarem os componentes femininos de sua natureza interior.

Estou ciente de que alguns podem considerar presunção o fato de eu, um homem, escrever sobre a deusa ou o componente feminino do espírito e da alma. Confio que quem fizer uma leitura mais profunda do livro verá que “masculino” e “feminino” não estão ligados de maneira indelével com o nosso sexo fisiológico, mas vivem em nossa alma, que não se diferencia em termos sexuais. Somos todos “humanos” na alma, nem “masculinos” nem “femininos”; animamos ambos os componentes. De fato, afirmo neste livro

que a polarização do patriarcado foi que criou a ilusão de que a alma tem diferenciação sexual. Um ramo do movimento protestante primitivo chegou a ponto de declarar que a alma das mulheres era tão inferior à dos homens que elas não poderiam entrar no reino dos céus – seja como for, somos tentados a pensar em quem de fato desejaria entrar num céu tão distorcido. Por causa dessa ilusão, dessa grande mentira, os homens foram forçados a reprimir o componente feminino de sua natureza interior e as mulheres, o seu lado feminino, caso desejassem sobreviver e ter sucesso numa sociedade patriarcal.

Por isso, embora eu não ache que me intrometi num território exclusivamente feminino ao escrever sobre a deusa (que pertence a todos nós), este livro é uma visão da deusa tríplice a partir da perspectiva masculina. Tudo o que percebi nesse material veio do meu contato com o domínio feminino dentro de mim. Não duvido de que seriam diferentes a concepção e a experiência se fosse uma mulher que escrevesse a respeito desse assunto, mas espero ter estado sobre um terreno universal o bastante para conferir valor ao material e para torná-lo relevante a futuros estudos ou experiências individuais do arquétipo da deusa tríplice.

Há diferenças entre os possíveis modos de relacionamento dos homens e das mulheres com a deusa tríplice. Os homens a veem refletida no lado feminino da alma. Embora possam percebê-la como uma estrutura psíquica do seu ser por meio da qual certas energias podem manifestar-se, há neles, quase sempre, um elemento de separação, de afastamento do arquétipo da deusa tríplice presente na alma. Eles raramente podem unir-se com esse arquétipo e, portanto, poucas vezes são inundados internamente por ele, embora possam achar difícil projetar uma faceta dele em alguma mulher particular. Muitas vezes acontece de um homem ser inundado, possuído e obsedado pela união do seu ser com um arquétipo masculino. Todos nós vimos homens que veem a si mesmos como “salvadores”, sendo tomados por um arquétipo de “Cristo” ou do “herói”, em geral por uns poucos anos antes de essa identificação interior com o arquétipo começar a se dissolver. Assim, embora haja perigos no relacionamento com os arquétipos, há, em

raras ocasiões, homens capazes de penetrar na deusa tríplice da mesma maneira como o podem fazer com formas espirituais masculinas. Como há pouco perigo de identificação com a figura da deusa tríplice, ela pode se tornar, para os homens, um seguro guia interior para a alma.

Com as mulheres, ocorre outra coisa. A deusa tríplice vive no lado ativo da psique feminina e as mulheres têm, constantemente, de se identificar com uma de suas facetas e de trabalhar com ela. Por conseguinte, é de vital importância que as mulheres percebam e compreendam todas as facetas da deusa e os modos como ela se manifesta em sua alma. Do contrário, não terão liberdade na alma, ficando propensas a serem inundadas por certas facetas da deusa, ou forçadas a assumir essas facetas em resposta a determinadas situações. Assim, a mulher pode ver-se presa a uma dada faceta da deusa sem exercer necessariamente a sua vontade de uma maneira que reflita a livre escolha. Por exemplo, ela pode ser possuída pelo aspecto Sereia e dedicar quase todo o seu tempo, energia vital e potencial à projeção de encanto sexual, tentando atrair homens para si. Do mesmo modo, pode entregar-se por inteiro à faceta Mãe e sacrificar outros aspectos da sua alma ao trabalho por meio da família. A faceta de sábia, ou de Anciã, também pode fascinar algumas mulheres, que passam a se ver como dotadas de uma percepção ou intuição especiais dos eventos da vida, com frequência precisando tanto exprimir essa identificação interior com o arquétipo que se intrometem e interferem na vida dos outros. As mulheres devem penetrar na deusa tríplice e os perigos para elas residem no desenvolvimento de uma faceta particular do arquétipo.

Uma compreensão consciente da deusa na sua inteireza é um importante instrumento psíquico interior que a mulher pode usar para ter a experiência das energias que fluem na sua alma. Muitas mulheres, inconscientes dos elementos estruturais de sua psique, estão antes à mercê de toda faceta da deusa que esteja ativa no seu interior. Com frequência, essas identificações arquetípicas são produzidas por forças exteriores a elas, por pressão da sociedade e dos “papéis” tradicionais. Por vezes, o marido, o parceiro ou a família projetam nelas uma faceta particular do arquétipo. Mesmo a pressão

dos meios de comunicação, das peças e da propaganda tem um forte efeito sobre a psique. Todas essas pressões procuram moldar as mulheres e levá-las a se conformar, em diferentes momentos da vida, com certos arquétipos.

Por isso, deve ter grande importância; para a mulher que deseje ter algum controle sobre a sua própria vida interior e, em consequência, sobre a sua expressão exterior e potencialidade na sociedade, a compreensão do poder e da arquitetura da deusa tríplice que nela habita.

Também os homens têm uma faceta tríplice, de que tratei no meu livro anterior, sobre os Quatro Festivais do Fogo. Esse trabalho discute o ciclo terreno feminino de festivais sazonais associados, de modo particular, com os povos celtas. A psique masculina traz em si um reflexo da deusa tríplice. Assim, temos o Homem como Guerreiro: o lado heroico, explorador e investigador do homem, resquíio do arquétipo do Caçador, do jovem cavaleiro ou herói que corresponde ao aspecto de Donzela da deusa. Depois, podemos reconhecer o Homem como Marido, o aspecto protetor e guardião do homem, que ganha a vida e sustenta a mulher e os filhos, como provedor e nutridor da geração seguinte. Trata-se de um remanescente do homem agricultor, parceiro do aspecto maternal da deusa. A terceira faceta é o Homem como Criador, o homem no papel de artista, de músico, de poeta, de escultor ou escritor, nos quais os homens se abrem aos impulsos da inspiração para criar e trazer ao mundo novas ideias, obras de arte e invenções. Isso complementa a faceta de Anciã ou de sábia da deusa. Assim sendo, os homens trazem em si um aspecto tríplice com o qual têm de se identificar. Muitos homens têm grande dificuldade interior em estar à altura das implicações do trabalho com um papel particular ou da repressão e negação de uma dessas facetas de si mesmos; isso equivale aos problemas de identificação interior que as mulheres têm em sua relação com facetas da deusa. Do mesmo modo, as mulheres descobrem que essas três facetas do arquétipo masculino – o Cavaleiro, o Marido e o Artista – estão presentes no seu lado masculino. Se refletirem isso interiormente e tentarem explorar as qualidades dessa triplicidade e o seu relacionamento com a triplicidade

do arquétipo da deusa que está dentro delas, as mulheres obterão uma maior compreensão de sua relação com o masculino.

A percepção dessa faceta do nosso ser pode constituir o início de um processo de comunicação, de encontro e eventual conjunção e fluxo conjunto dessas triplicidades masculina e feminina em nossa alma. Se a alma for capaz de trabalhar livremente com essas forças interiores e unir as polaridades numa fusão alquímica interior – um encontro dinâmico dos opostos –, a alma individual poderá tornar-se verdadeiramente humana e abranger, de modo equilibrado, as forças masculinas e femininas nela contidas. Para a humanidade, não pode haver tarefa mais importante do que essa. Se pudermos atingir coletivamente esse estado de desenvolvimento interior, poderemos nos afirmar como seres humanos plenos e manter ao nosso alcance a nossa essência e o nosso potencial espiritual.

Espero, de fato, que este livro possa ajudar um pouco as pessoas a se relacionarem com os componentes femininos de sua natureza interior e a empreenderem o grande processo alquímico interior de reconciliação e conjunção dos Opostos – o Casamento Alquímico interior.